



CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PRÁTICAS CORPORAIS PARA UM GRUPO DE ALUNOS AUTISTAS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO

URUGUAIANA
2014

WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES

**PRÁTICAS CORPORAIS PARA UM GRUPO DE ALUNOS AUTISTAS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Álvaro Luís Ávila da Cunha

Co-orientador: Prof. Dr^a. Susane Graup

**URUGUAIANA
2014**

WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES

**PRÁTICAS CORPORAIS PARA UM GRUPO DE ALUNOS AUTISTAS:
RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE INTERVENÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Educação Física.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 21 de Janeiro de 2015.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Álvaro Luís Ávila da Cunha
Orientador
UNIPAMPA

Prof. Me. Mauren Bergmann
UNIPAMPA

Prof. Maria Aparecida D. de Dornelles
Conselheira Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência
Presidente Associação dos Autistas Sem Fronteiras

Dedico este trabalho a todos aqueles que se entregam diariamente na busca pelo desenvolvimento intelectual e social do autista, especialmente àqueles que me proporcionaram experiências gratificantes no decorrer deste estudo, professores, pais de autistas e aos autistas.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre no comando das minhas convicções profissionais e a frente dos meus planos de futuro, me dando força e apoio emocional nas lutas do meu âmago.

Aos professores Álvaro L. Ávila da Cunha e Susane Graup do Rego, pelas orientações e pelos esclarecimentos que enriqueceram minhas pesquisas na área da licenciatura e me ajudaram a compreender o extenso campo da intervenção pela via corporal e seus possíveis instrumentos de expansão.

As professoras Maria Aparecida D. de Dorneles e minha querida mãe, Dilza Itamar de M. Dorneles, pela disposição, amor e compreensão em atender as necessidades dos alunos autistas envolvidos neste trabalho e consentir com as condições necessárias para que este se concretizasse.

Aos familiares dos alunos envolvidos neste estudo e que sempre estiveram presentes nos acompanhamentos e nas intervenções auxiliando o bom andamento das atividades juntamente com seus familiares autistas, compreendendo os objetivos apresentados.

A minha esposa e filha, Sandra Soares e Luani S. Gonçalves respectivamente, por compreenderem minhas faltas e minha distância do seio familiar, e que incessantemente me apoiaram e respeitaram minhas necessidades acadêmicas e em nenhum momento me deixaram faltar amor e carinho.

A todas as pessoas e profissionais envolvidos que de alguma forma abriram portas para tornar este trabalho possível.

O amor não é cego, é autista. Ele vê tudo, ele sabe tudo, mas no seu mundo..., só ele explica o que se sente. A arte de autistar..., o que se ganha o que se perde só ele tem a saber.

Ana Prande – Dona Geo (2008)

RESUMO

A Educação Física Adaptada se faz necessária em vários níveis educacionais, e cada parte desta adaptação requer um conhecimento específico por parte do professor que intervém em uma turma especial. O professor de Educação Física além de conhecer diferentes formas aplicáveis de movimentos tem que conhecer também especificadamente as características, a personalidade e o cotidiano de cada aluno da classe especial. O seguinte trabalho buscou demonstrar a experiência de empregar atividades físicas, através do conteúdo de Educação Física Adaptada para um grupo de alunos autistas. Esse estudo caracteriza-se como sendo qualitativo descritivo, baseado em um relato de experiência de intervenção a uma classe de atendimento especializado. Através do mesmo foi relatado o cotidiano de cada aluno-alvo na escola freqüentada pelos mesmos, e também seus comportamentos e suas respostas às intervenções nas aulas de Educação Física Adaptada. Ao proporcionar as possibilidades cotidianas relacionadas com a cultura do movimento e sua perspectiva, pudemos presenciar as mudanças benéficas relacionadas com as práticas sociais e corporais dos alunos envolvidos nesta intervenção. Produziram-se relatos da socialização entre alunos e professores, e da cooperação nas atividades propostas. A percepção da compreensão dos profissionais que convivem diariamente com os mesmos ficou evidente. Talvez esta interferência traga novas possibilidades de desenvolvimento no campo Educação Física Adaptada no que tange a cultura corporal do autista.

Palavras-chave: Educação Física Adaptada. Autismo. Socialização.

ABSTRACT

The Adapted Physical Education is required in various educational levels, and every part of this adaptation requires specific knowledge from the teacher intervening in a special class. The physical education teacher in addition to learning different ways applicable movements also have to know specifically the characteristics, personality and the daily life of each student's special class. The following paper attempts to show the experience of using physical activities through the Adapted Physical Education content to a group of autistic students. This study is characterized as descriptive qualitative, based on a report of intervention experience to a specialized service class. By the same was reported the daily life of each target student in the school attended by them, and also their behavior and their responses to interventions in the classes of Adapted Physical Education. By providing the daily possibilities related to the movement and its culture perspective, we witness the beneficial changes related to social and bodily practices of the students involved in this intervention. Produced were reports of socialization between students and teachers, and cooperation in the proposed activities. The perception of understanding of professionals who live daily with the same was evident. Perhaps this interference bring new development opportunities in the field Adapted Physical Education with respect to body culture autism.

Keywords: Adapted Physical Education. Autism. Socialization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Espaço interno da SAEE.	23
Figura 02: Espaço Interno da SAEE, Entrada	23
Figura 03: K, em atendimento pedagógico na SAEE.	24
Figura 04: À esquerda a professora supervisora, W. e F. ao centro e à direita, respectivamente, aguardando as tarefas na SAEE	25
Figura 05: K. explorando a bola Bobath na SAEE.	27
Figura 06: K. brincando de correr na SAEE	28
Figura 07: K. com seu objeto/brinquedo favorito	28
Figura 08: G. sentado da bola Bobath na SAEE	28
Figura 09: G. em atendimento pedagógico na SAEE.	29
Figura 10: K. ao fundo da SAEE com a bola.	30
Figura 11: K. pulando corda no pátio da escola	31
Figura 12: G. correndo no pátio da escola.	31
Figura 13: G. sinalizado, correndo em meio ao jogo de futsal.	32
Figura 14: G. descansando na SAEE depois de correr no pátio	32
Figura 15: W. de camiseta azul ao centro, realizando alongamento.	33
Figura 16: G. ao centro, de camiseta vermelha, sendo auxiliado.....	34
Figura 17: K. deitada sobre o tatame na atividade de alongamento.	34
Figura 18: W. percebendo e curioso com o movimento da corda	35
Figura 19: W. de azul, ao centro, voltando para sua mãe.	36
Figura 20: W. interagindo com o professor.	36
Figura 21: W. e G. socializando a corda.	37
Figura 22: tentativa de jogar com G.	37
Figura 23: G. interagindo com o professor na bola Bobath.	38
Figura 24: K. sobre o tatame, sendo conduzida pelo professor	38
Figura 25: K. explorando a bola Bobath e interagindo com o professor.	39
Figura 26: Terceiro momento, tentativas de coreografias.	40
Figura 27: K. ao fundo, de regata rosa, distante da atividade.	41
Figura 28: Conversa com os pais.	41
Figura 29: W. e F. alongando-se.	43
Figura 30: Disputando arremessos com W.	45

Figura 31: W. efetuando a atividade de ziguezague (equilíbrio).	45
Figura 32: G. passando pelo ziguezague.	46
Figura 33: G. tirando as fitas do chão.	47
Figura 34: K. sendo guiada pelo professor para o circuito.	47
Figura 35: K. passando pela corda movimentada por W.....	48
Figura 36: F. arremessando a bola Bobath com seu irmão.	49
Figura 37: F. explorando a bola Bobath.	49
Figura 38: Terceiro momento.	51
Figura 39: F. servindo-se na confraternização.	52
Figura 40: F. limpando o queixo de K.....	52

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	JUSTIFICATIVA	12
3	OBJETIVO GERAL	13
4	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
5	MÉTODOS	14
5.1	Caracterização do Estudo	14
5.2	Materiais e Espaços	14
5.3	Adaptando às Características	16
6	REFERÊNCIAL TEÓRICO	18
7	RESULTADOS	21
7.1	Primeiros Contatos com o Grupo	21
7.2	Relatos Observacionais e Interventivos	23
7.3	Relatório Avaliativo e Observacional 01	33
7.3.1	Primeiro Momento.	33
7.3.2	Segundo Momento	35
7.3.3	Terceiro Momento	39
7.3.4	Quarto Momento.....	41
7.4	Relatório Avaliativo E Observacional 02.....	42
7.4.1	Primeiro Momento.	42
7.4.2	Segundo Momento	44
7.4.3	Terceiro Momento	50
7.4.4	Quarto Momento.....	51
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
8.1	Reflexões Avaliativas	55
9	REFERÊNCIAS	57
10	APÊNDICES	60
11	ANEXOS	72

1 INTRODUÇÃO

O autismo é considerado um Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), e afeta 1% da população brasileira, acomete cerca de 20 entre cada 10 mil nascidos (GAUDERER, 1997), sendo 4 vezes mais comum em crianças do sexo masculino.

A palavra Autismo vem do Alemão AUTISMUS, cunhada por Bleuler em 1912, a partir do Grego AUTO-, “referente a si mesmo”, mais o sufixo -ISMOS, indicando ação ou estado. No autismo, não existe apenas uma síndrome de déficit de atenção, mas vários graus de autismo com diferentes tipos e causas que produzem estes déficits. Uma das características mais salientadas pelos pesquisadores da área é a de que a definição mais marcante na história do autismo foi a sugerida por Kanner em 1943:

“O patognomônico dessas crianças é a inabilidade de manterem relações normais com outras pessoas desde o início da vida [...] Desde o início há uma extrema solidão autista que, todas as vezes que isso é possível, desdenha, ignora, exclui tudo que vem à criança do exterior” (p.180).

A Educação Física Adaptada se faz necessária em vários níveis educacionais, e cada parte desta adaptação requer um conhecimento específico por parte do professor que intervém em uma turma especial. De acordo com Vatajuk (1996), um dos primeiros passos para uma boa e significativa habilidade motora, é conhecer com detalhes as habilidades motoras dos autistas, os interesses e as capacidades comunicativas. O professor de educação física além de conhecer diferentes formas aplicáveis de movimentos tem que conhecer também especificadamente a dificuldade, personalidade e cotidiano de cada aluno da classe especial, para que estes movimentos sejam adaptados às suas diferentes possibilidades. Deve estar envolvido no processo de aprendizagem e socialização, e não deve priorizar questões de aprimoramento físico, mas auxiliar nos vastos conjuntos de interações sociais, comunicações e comportamentos. O professor deve ser alguém que divida suas experiências com os alunos, um facilitador que ajuste sua comunicação para cada situação particular. O programa de ensino deve ser cabível para desenvolver a astúcia e os avanços no desempenho das combinações variadas de habilidades motoras, cognitivas e afetivas (VATAVUK, 1996).

Na história temos um acontecimento importante na relevância da inclusão, com a Declaração de Salamanca (ESPANHA, 1994), concretizada pela UNESCO na Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais: Acesso e Qualidade, firmada por 92 países. O documento aclama que o ensino regular representa o meio mais eficaz para combater as maneiras de distanciamento da socialização, observando que: o princípio fundamental desta linha de ação é de que as escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüística ou outra. Devem acolher crianças com deficiência e criança bem dotada, crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distante ou nômades, criança de minorias lingüísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos e zonas desfavorecidas ou marginalizadas (BRASIL, 1997).

O seguinte trabalho busca demonstrar a experiência de empregar atividades físicas, através do conteúdo de Educação Física Adaptada, em um grupo de alunos autistas. Além de aproximar o profissional de educação física, através do caminho da inclusão e da atividade física adaptada, com a educação especial.

2 JUSTIFICATIVA

Por um longo período acompanhei no meu cotidiano assuntos referentes a um determinado grupo de alunos autistas. Tratava-se de uma turma especial que era acompanhada por duas professoras de uma escola estadual, uma delas é minha mãe, professora formada no magistério e especializada em educação para alunos com TGD (Transtornos Globais do Desenvolvimento). Em vários momentos tive a oportunidade de acompanhar esta turma em passeios familiares realizados pelas referidas professoras, onde pude conviver com vários alunos portadores da síndrome autística e perceber o quanto cada um tinha características diferentes e particulares. Nestes passeios não somente crianças autistas estavam presentes, mas também outras crianças que não eram autistas e socializavam-se juntamente com a classe especial, muitos eram familiares que conviviam diariamente com cada aluno. Hoje minha mãe está aposentada, mas segue acompanhando as atividades através da Associação dos Autistas do município e comentando comigo as intervenções educacionais que ocorrem no cotidiano deles.

Em vários momentos me questioneei o porquê não aplicar atividades físicas para esta classe em particular, mas era a motivação de um acadêmico recém matriculado e que não fazia noção da elevada preparação e pesquisa necessária para intervir com aquelas crianças diferenciadas.

No decorrer do curso, em nossos estágios e práticas de componente curricular, nos deparamos com alguns alunos portadores de necessidades especiais, e toda vez que realizávamos as observações e conversávamos com os responsáveis pelas escolas, éramos aconselhados (em alguns casos) e instruídos, se possível, a não ministrar aulas para a turma que continha o referido aluno.

Em um dos estágios que ministrei, tive um aluno cadeirante, para mim foi uma das melhores experiências práticas que vivenciei, pois tive que separadamente preparar uma metodologia especial para ele, como se fosse para duas turmas dentro de uma, e posteriormente mesclar os métodos para que a socialização nas práticas fosse atingida. Não estou afirmando que toda experiência com alunos portadores de necessidades especiais é fácil, pois isto depende do tipo de característica que cada aluno possui, e para que isto se torne uma experiência marcante, é necessário que haja uma preparação distinta e exclusiva por parte do professor de Educação Física.

3 OBJETIVO GERAL

Proporcionar possibilidades relacionadas com a cultura do movimento através das aulas de Educação Física Adaptada para um grupo de alunos autistas.

4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver o interesse pelas práticas em cada aluno envolvido nas intervenções;
- Relatar diariamente o desenvolvimento e as respostas das práticas corporais
- Aplicar práticas corporais individualmente a cada personalidade e possibilidade;
- Relatar possíveis evoluções comportamentais e sociais no cotidiano dos alunos envolvidos;
- Desenvolver as práticas em grupo;
- Relacionar atividades corporais vinculadas com a cooperação e a interação;
- Investigar as características e o diagnóstico do comportamento de cada aluno para adaptar os planejamentos das intervenções;
- Buscando maneiras de inserir a aplicabilidade dos movimentos conforme o interesse e a particularidade de cada aluno.

5 MÉTODOS

5.1 Caracterização do Estudo

Esse estudo caracteriza-se como sendo um trabalho qualitativo descritivo, baseado em um relato de experiência de intervenção. A pesquisa qualitativa e os relatos de casos podem auxiliar na compreensão de fenômenos reais que favorecem uma sensibilidade acerca da realidade das pessoas, Gutfreind (2005). A pesquisa qualitativa pode trazer grandes descobertas para a área social e da saúde. A técnica utilizada neste trabalho foi a observação participante. Através do mesmo foi relatado o cotidiano de cada aluno-alvo e também seus comportamentos e suas respostas às intervenções nas aulas de Educação Física Adaptada.

5.2 Materiais e Espaços

A presente intervenção proposta foi realizada inicialmente com 5 alunos, que posteriormente, na fase das intervenções em grupo, passou para um número de 4 indivíduos. O aluno que não fez parte das intervenções em grupo não foi observado em aula por causa de desencontros de horários com a referida escola do mesmo, que não é a mesma dos outros 4. Seus pais foram contatados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e convidados pela Associação de Autistas sem Fronteiras há comparecerem nos encontros em grupo, mas isto não ocorreu, a única menção do aluno neste trabalho de intervenção está descrita nos primeiros contatos da sessão **resultados**, quando somente seu comportamento foi relatado, sua referência neste está pela letra inicial de seu nome “D.”

Os 4 alunos-alvo do estudo, há mais de 8 anos são atendidos na Sala de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) da Escola Estadual de Ensino Fundamental Íris Valls, escola que se situa no bairro Santo Antonio na cidade de Uruguaiana/RS. Este estudo também compõe em sua parte principal duas intervenções em grupo que foram realizadas nos dias 17 e 19 de novembro de 2014,

pela parte da tarde no período das 14 horas às 16 horas, com o auxílio da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer (SMEL), que concedeu o espaço do salão de atos da referida secretaria através da solicitação feita por ofício digitado pela Associação de Autistas sem Fronteiras.

Foi entregue uma carta de apresentação do acadêmico na direção da referida escola, assim como um termo de compromisso assinado pelo orientador do TCC. As intervenções foram registradas através de ilustrações (fotos) das observações e das atividades, e relatadas através de um diário de campo que terá suas principais reflexões apresentadas neste trabalho na seção **resultados**, e em suas respectivas subseções. O acadêmico interveniente e a professora supervisora assinam um controle de intervenções diárias constando as datas e as atividades desenvolvidas nos dias de atendimento na SAE e das intervenções em grupo realizadas na SMEL. As observações/intervenções foram realizadas por dois meses (outubro e novembro), nas segundas, terças e quartas-feiras pela parte da manhã, no período intervalado das 8 horas até as 10h30min, e quando tinha atendimento após este horário eu também observava, até em torno de umas 11h30min. Dois meses em contato diário com a turma especial, sendo este período composto por observações iniciais para possíveis diagnósticos, e posteriormente, intercalando com as observações, breves intervenções individuais de aproximação e socialização, mas vale ressaltar que as observações interventivas individuais são para o reforço no relacionamento professor interveniente/aluno, para posterior aplicação das práticas em grupo baseadas nos diagnósticos.

A turma é composta por alunos que possuem diferentes prejuízos intelectuais, desde a Síndrome Autística, Síndrome de Asperger e Dislexia. Alguns alunos (autistas) freqüentam a turma especial pela parte da manhã, e a tarde freqüentam turmas do ensino regular em outras unidades de ensino. As intervenções foram voltadas para os alunos com as Síndromes de Asperger e Autística, sendo elas inicialmente individualizadas e mescladas com as observações (contato direto com o professor) e posteriormente duas atividades em grupos que foram organizadas com a ajuda da Associação dos Autistas sem Fronteiras para contato e explicação procedimental para os pais. Também aconteceram visitas às escolas de ensino regular que o aluno convive para possíveis relatos de comportamento e conversas com o professor responsável por eles na referida escola, assim como conversas com os pais dos alunos através de participações nas reuniões/encontros da

Associação de Autistas Sem Fronteiras.

A aula de Educação Física foi inserida no ambiente propício para a melhora de comportamento e à aceitação do aluno. As professoras responsáveis estavam sempre presentes supervisionando as intervenções e auxiliando/participando com os alunos nas atividades.

Elaborou-se um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para os pais e familiares assinarem autorizando as observações e os relatos nos ambientes dos alunos que foram objetos deste trabalho, além da posterior apresentação do mesmo. Para conservar a identidade dos alunos-alvo deste estudo usamos a forma de tratamento nominal transcrita pelas iniciais dos nomes de cada um, da seguinte forma: indivíduos **W., K., G., D. e F.**, mesmo com o consentimento dos pais em divulgar os nomes dos alunos envolvidos.

5.3 Adaptando às Características

Para termos uma base de conhecimento de cada personalidade e de cada característica pessoal dos alunos, foi feita uma consulta ao banco de dados da SAAE, analisamos as entrevistas individuais dos alunos, que são direcionadas aos pais. Através destes documentos pode-se ter uma base das capacidades fisiológicas e dos diagnósticos clínicos dos alunos, caso algum possuísse incapacidades físicas como doenças cardiorespiratórias, por exemplo. Estes documentos nos forneceram também o diagnóstico da idade intelectual de cada aluno, e com base nestes diagnósticos e nas observações realizamos a adaptação das atividades.

As idades dos alunos variam de 13 e 28 anos de idade, e as diferenças intelectuais observadas e estudadas na documentação da SAAE levam em consideração a seqüência de desenvolvimento cognitivo proposto por Piaget, que correlata os sujeitos observados, na fase das operações formais (até 12 anos de idade). Este mesmo processo de identificação intelectual é classificado pelo critério adaptativo que adequou esta faixa como *moderado a leve*, sendo proporcional e relevante às várias ferramentas do movimento humano. Um dos conteúdos a serem trabalhados no desenvolvimento social das atividades em grupo será a psicomotricidade relacional.

Para estes alunos preparamos atividades lúdicas que contemplam o desenvolvimento de exercícios onde o objetivo é equilibrar-se, pular, subir, descer, correr, arremessar, recepcionar, chutar, deitar sobre, ouvir e reproduzir (cantigas de roda), interagir no ambiente como um todo, aproveitando as diferentes possibilidades de desenvolver a noção corporal e a interação através de circuitos que produziram a percepção do movimento amplo e reduzido. A bola Bobath, muito utilizada em reabilitações terapêuticas, foi um dos instrumentos utilizados em uma das estações dos referidos circuitos, assim como cordas, bolas coloridas, tatames, fitas adesivas escuras dentre outros objetos que não poluíssem visualmente o amplo espaço da intervenção em grupo.

Oferecemos mecanismos de informações táteis diretas ou indiretas, imitando o movimento diretamente, direcionado ao aluno, ou fazendo com que ele colhesse o modelo de movimento inserido no ambiente de convívio cotidiano.

6 REFERÊNCIAL TEÓRICO

O conjunto, Educação Física e Educação Especial, vêm se apresentando como uma resolução das necessidades de pensar sobre uma escola e um ensino inclusivo além de apresentar diferentes maneiras de trazer a pessoa com deficiência para um comportamento social que fuja do medo das indiferenças. Isso foi trazido da pedagogia dos cursos de reabilitação de pacientes quando se pensava em tornar a pessoa ativa na parte física, psicológica e social, a Educação Física Adaptada substitui em parte esta reabilitação, claro que com suas características e encargos específicos, juntando-se assim com a Educação Física Corretiva, conforme Silva, Seabra Junior e Araújo (2008). Pedrinelli e Verenguer (2005) por sua vez, destacam que a Educação Física Adaptada destacou-se por buscar lançar a ciência destinada a sujeitos com distintas e típicas condições (entendimento das autoras) para a prática de atividade física. A educação física, adotando muitas idéias em busca de sua analogia acadêmica e ocupacional, gerou empenho em quem até mesmo estava na área da Educação Física Adaptada. Estes argumentos se estabeleceram desde quando pessoas que não são da área da educação física preparavam seus conteúdos para um melhor desempenho e desenvolvimento em prol das pessoas envolvidas.

Não é fácil tratar de conceitos e definições, mas poderíamos considerar que a EFA é uma parte da EF, cujos objetivos são o estudo e a intervenção profissional no universo das pessoas que apresentam diferentes e peculiares condições para a prática das atividades físicas. [...] tendo em vista o potencial de desenvolvimento pessoal (e não a deficiência em si) (PEDRINELLI e VERENGUER, 2005, p. 4).

A fundamental sugestão da Educação Física Adaptada é a de abranger alunos com necessidades especiais nas atividades físicas desempenhadas na escola, no ensino regular, pois muitas vezes esses alunos são excluídos das aulas ou ficam meramente olhando os outros alunos. A Educação Física Adaptada:

É uma área do conhecimento em Educação Física e esportes que tem por objetivo privilegiar uma população caracterizada como portadora de

deficiência ou de necessidades especiais, e desenvolve-se através de atividades psicomotoras, esporte pedagógico, recreação e lazer especial, e técnicas de orientação e locomoção (ROSADAS 1994 s/p.).

Um dos papéis do professor de Educação Física é estimular as necessidades, as possibilidades e as potencialidades dos deficientes enquanto alunos; por meio de atividades lúdicas e de jogos esportivos adaptados às necessidades de cada grupo. Na Educação Física Adaptada não é o aluno que tem que se adaptar ao professor, o que deve acontecer é justamente o contrário, o professor deve se adaptar ao aluno. Como nos diz Rosadas (1989) apud Soler (2006) devemos ter algumas atitudes quando estamos trabalhando com os alunos especiais, é importante tratá-los da mesma forma que tratamos os outros alunos; conversar coisas interessantes; elogiar, se houver um motivo para isto; fazer com que eles participem integralmente das atividades e não se sintam inúteis e descompromissados com as aulas.

Em crianças autistas se faz necessário uma avaliação de linguagem adequada, pois esta auxiliará no diagnóstico e conseqüentemente possibilitará o planejamento de uma intervenção adequada. De acordo com Velloso (2002): “na intervenção, serão trabalhadas as habilidades necessárias, ou seja, os aspectos onde foram apresentadas as dificuldades durante a avaliação”.

Nas avaliações realizadas com o objetivo de se planejar uma intervenção também se faz importante observar os seguintes pontos: formas de explorar, maneira de se relacionar com as pessoas, maneira de se relacionar com os objetos (se há uso funcional dos mesmos, preferências, etc.), nível de interação em situação não estruturada, recreio, pátio, cantina, alterações motoras (estereotípias, auto agressão, etc.), rituais e jogos.

Sem a diversão de brincar a criança não aprende. Em concordância com Gauderer (1987), citado por Silva e Costa:

”as crianças com autismo, em geral apresentam dificuldade em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem. A escola tem um papel reconhecido no nível da educação, na elaboração de estratégias para que estes alunos consigam desenvolver capacidades para se integrar e interagir com as outras crianças ditas “normais”.”

Apesar das características do autismo, as influências nas atitudes procedimentais e pedagógicas parece surtirem mais resultados do que na medicina. Porém o uso de medicamentos tem seus benefícios, embora um pouco restrito, nos cuidados e no tratamento do autismo (FORFAR & ARNEIL, 1986; VARANDA, 1998).

A Educação Física, pelo caráter dos seus resultados e conseqüências, tem encontro em várias características no desenvolvimento integral do autista, destacando a colaboração específica que traz nas áreas da aquisição de aptidões, construção de ambiente, realidade e reprodução de modelos, transformando-se em um meio fundamental e indispensável nas adaptações sociais e aprendizagens sócio-cognitivas (SUMMERFIELD, 1976). Outra substância que traz condições para a influência mútua com sujeitos que tenham prejuízos intelectuais, é a psicomotricidade relacional. Para Lapierre (1988), um dos objetivos da psicomotricidade relacional é usar métodos que utilizem elementos de interação entre pares ao invés da interação diretamente e somente verbal, representando simbolicamente determinada circunstância que tenha sugestões afetivas. Negrine (1995) defende a função do psicomotricista como facilitador do meio em que estão inseridas as crianças, transformando-se em um elemento do próprio ambiente, que irá provocar e auxiliar as mesmas nas mais diversas situações de vivência.

7 RESULTADOS

7.1 Primeiros Contatos com o Grupo

Neste primeiro momento trazem-se as primeiras respostas de observações, constam relatos da reunião da Associação dos Autistas, realizada no final do mês de agosto do ano de 2014 na casa da presidente da referida associação, reunião realizada com alguns pais de autistas que eram acompanhados de seus filhos. No encontro eles tratam de assuntos pertinentes aos direitos do autista na sociedade atual e de solenidades e encontros em grupos que serão realizados pelos mesmos. Nesta reunião eu me apresentei o trabalho que pretendia realizar e exemplifiquei as condições e as formas de que se realizariam o presente trabalho, de imediato os pais ficaram eufóricos com a idéia. Minha primeira impressão em relação àquele ambiente é que existe uma organização na cidade de Uruguaiana engajada e que trata do bem estar daqueles que são portadores do espectro autista.

Muitos foram os comportamentos observados na reunião, em meu diário de campo pude relatar vários procedimentos que me auxiliarão nas minhas pesquisas, neste primeiro trecho trago minhas principais observações realizadas deste dia, comportamentos individuais de alguns autistas presentes e que evidenciaram suas características, detive minha atenção durante a reunião nas diferentes formas de comunicação de seus pais com eles, não sabia neste primeiro dia quais seriam os indivíduos das minhas intervenções, mas já imaginava uma forma de me comunicar com eles. Minha presença ali já estava valendo como nova parte do cotidiano deles. Os indivíduos que estavam presentes são mencionados pelas iniciais de seus nomes, os referidos relatos acompanhados estão nas descrições a seguir:

***Primeiro indivíduo, F.:** estava acompanhado de seu irmão, tem provavelmente em torno de vinte e poucos anos, é órfão de pai e mãe e é reparado em casa por uma senhora de idade, possui hábitos que declaram sua avançada socialização, dos 4 autistas que ali estavam presentes ele era o único que tomava mate com os adultos, não se comunica com frases longas apenas com palavras ditas em tom alto de voz. Gesticula quando quer algo ou quando quer mostrar algo e estes gestos são acompanhados de palavras ditas em voz alta. Possui muita calma e serenidade em movimentar-se, sorri quando está gostando de algo.*

***Segundo indivíduo, W.:** ficou o tempo todo sentado, aparenta ter em torno*

de 20 anos de idade, movimenta o corpo balançando o tronco e membros superiores com movimentos estereotipados, também sorri quando algo lhe agrada. Em um determinado momento ele tapou os ouvidos quando o ambiente estava muito barulhento e emitiu alguns sons que não davam para identificar e só parou quando o local da reunião ficou silencioso. Seu pai falou-lhe meu nome e ele sorriu, sua mãe disse que eu era o professor de ginástica e ele levantou os braços com que se estivesse alongando, todos na sala sorriram.

Terceiro indivíduo, D.: *permanecia a maior parte do tempo em pé, sua mãe disse que tem 14 anos, sentava quando sua mãe ordenava, ou quando a mesma lhe segurava pelo braço. Movimentava-se comumente, levantava e pegava pipocas na mesa, quando estava comendo demais sua mãe lhe fazia sinais para não comer mais, então ele devolvia as pipocas para o recipiente, compreendendo o solicitado. Quando falava com ele o agradando ou fazendo alguma forma de carinho ele sorri e demonstra muita compreensão do sentimento envolvido e do que está a sua volta. Não ouvi sua voz em momento algum, e quando outro aluno, G., que estava presente cantou, ele dançou sem muita coordenação, mas dançou.*

Quarto indivíduo, G.: *permaneceu sentado um bom tempo, repete propagandas de televisão perfeita e continuamente. Demonstrou claramente quando estava se sentindo contrariado ou quando estava satisfeito, pude perceber que não estava contente com o ambiente da reunião, pois repetia algumas palavras em tom alto de voz e era repreendido por sua mãe então só assim falava mais baixo, mas não parava de falar. Tem uma grande capacidade intelectual para memorizar mensagens televisivas e, segundo sua mãe, gosta de dar apelido as pessoas, fazendo associações com as características comuns de cada um. Abraçou sua professora demoradamente quando ela chegou, seu rosto tinha uma fisionomia ótima. Quando eu disse que ia embora ele levantou-se como se fosse sair também, então sua mãe disse que não era ele que iria, ele voltou a sentar-se de cara amarrada e repetindo suas frases televisivas, tem comportamentos de afeto e carinho com as pessoas que gosta.”*
(Diário de observações, 29/08/2014 – 19h00min h).

Os comportamentos individuais relatados devem levar em consideração a presença das pessoas que fazem parte do cotidiano de cada um, que é o que não acontece na SAEE, tais comportamentos, acredito, podem ser diferentes em um ambiente onde os responsáveis não estejam presentes. Pude perceber que, quando uma professora que não faz mais parte do turma dos alunos apareceu na reunião, a felicidades deles foi instantânea, até aquele aluno mais tranqüilo se agitou. Eram abraços longos e apertados e muitas solicitações de beijos no rosto.

Existem muitas variações comportamentais em um individuo com autismo, pode ser pelo ambiente que ele está inserido momentaneamente. Neste dia não percebi nenhuma semelhança nas atitudes de cada um dos autistas ali presentes, cada um tinha sua personalidade e características individualizadas, o que me levou a crer que em cada intervenção terei que contemplar separadamente as adaptações de todos.

7.2 Relatos Observacionais e Interventivos

A Sala de Atendimento Educacional Especializado (SAEE) possui vários instrumentos terapêuticos e muitas ferramentas didáticas e pedagógicas voltadas para o desenvolvimento intelectual do aluno que ali é atendido. Segundo a literatura, o aluno autista precisa de um espaço onde não haja muita poluição visual, onde o ambiente não seja propício a sofrer mudanças, a SAEE é um ambiente bastante informativo, mas provavelmente não sofre mudanças e já faz parte do cotidiano dos alunos que freqüentam a mesma.



FIGURA 01 - Espaço interno da SAEE.



FIGURA 02 - Espaço interno da SAEE, entrada.

Este primeiro momento de observações realizou-se na escola estadual onde funciona a SAEE, aqui estão relatados os comportamentos e respostas dos indivíduos, o relato que se segue faz menção aos alunos-alvo pelas iniciais de seus nomes separadamente, como podemos ver nas descrições e ilustrações a seguir:

“K: Permanece a maior parte do tempo de atendimento caminhando pela sala, faz várias atividades corporais com a bola Bobath, comunica-se com as pessoas ao seu redor através de sons vocais, sua mãe que está sempre presente sabe o que cada som quer dizer, geralmente estes sons são acompanhados de gestos que indicam suas vontades. Dirigi-se pessoalmente a professora e demonstra suas emoções como, por exemplo, festejar um gol, também gosta de chamar a atenção quando quer algo. Percebida mudança de comportamento quando se depara como o novo em seu cotidiano (minha presença), mantém-se sorrindo quando faz atividades que gosta e quando se aproxima de mim sua fisionomia muda para um semblante de curiosidade e seriedade.”



FIGURA 03 – K. em atendimento pedagógico na SAEE.

A aluna convive em casa com avô, avó, tia, irmã e mãe. Quando sua mãe ou sua professora dirigem-se a ela chamando-a pelo nome ou chamando sua atenção ela olha fixamente para ambas, ou quando elas nem mesmo falam com ela apenas conversam comigo ela presta atenção atentamente no que estão dizendo. Mas quando eu falo ou digo o nome dela para que ela perceba que estou me referindo a ela, ela desvia o olhar, ou ignora a minha pessoa, às vezes olha rapidamente, mas já se desprende da atenção anteriormente mencionada. Compreende plenamente que não faço parte do seu cotidiano, quando foi embora sua mãe disse: - K, dá tchau para o professor... – ela se despediu de mim muito séria e me estendendo a mão rapidamente, sem me dar muita confiança, antes de sair sua mãe me disse que ela gosta de violão e algumas canções.” (Diário de observações, 14/10/2014 – 08h30min).

“W: Sorria e executava movimentos amplos com os membros superiores enquanto permanecia sentado, fazia gestos repetitivos e estereotipados,

conforme a professora e a sua mãe ele faz isso quando está feliz, e quando está insatisfeito faz os mesmos movimentos, mas sua fisionomia é de desconforto. Olha diretamente para mim, mas quando percebo que ele me olha ele desvia o olhar, também percebe quando me refiro a ele em minhas conversas. Quando ele está concentrado com a cabeça inclinada para baixo fazendo alguma tarefa e alguém fala o nome dele e não movimenta a cabeça, mas levanta apenas a visão, por alguns segundos olha para quem se referiu a ele, e permanece fazendo sua tarefa. Mantém a concentração impecável quando a professora titular explica as tarefas para ele, faz exercícios de leitura e montagem de palavras com alfabeto de peças. Segundo sua professora e sua mãe ele não interage com materiais que exijam a movimentação dos grandes músculos, movimentos com exploração de objetos como almofadas, tapetes e colchonetes da sala, a bola Bobat, e outros elementos maiores que são dispostos na sala. Trabalha com a coordenação motora fina sem nenhum prejuízo motor, faz recortes, cola e concentra-se com intensidade para estas tarefas. Dificilmente sai da sua cadeira, somente para acompanhar a professora na hora da merenda.



FIGURA 04 - À esquerda a professora supervisora e ao centro e à direita, respectivamente, **W.** e **F.** aguardando as tarefas na SAEE.

F: Não demonstra muita reação quando se depara com outra pessoa em seu ambiente, apenas olha rapidamente quando mostram que existe outra pessoa na sala juntamente com ele e sorri rapidamente. Não faz gestos de grande amplitude e gosta muito dos jogos pedagógicos do computador e é sempre muito tranqüilo. Conversa apenas respondendo com uma única palavra, por exemplo: - sim ou não, bom ou ruim -; tem o gesto habitual de deitar-se no tapete da SAEE e encostar a cabeça nas almofadas que ali se encontram e quando é questionado do que está fazendo ele responde em alto tom: - nanando -; faz trabalhos com números e responde as perguntas da professora com as mesmas perguntas: - O que diz aqui **F?** - e ele responde com o próprio nome, e se for isso que dizia na formação das palavras a professora faz elogios a ele, e isso acontece toda vez que ele acerta. É comum algumas vezes a professora chamar sua atenção dizendo para ele deixar de preguiça, em tom de brincadeira, quando ela faz isso ele sorri.” (Diário de observações, 20/10/2014 – 08h30min).

“**F:** Pela primeira vez tive contato direto com o aluno, descobri em conversa com seu irmão que faz natação, perguntei a ele se ele gostava de nadar, ele

me olhou sorriu levemente e fez sinal de positivo balançando a cabeça para baixo e para cima e tornou a fazer sua atividade de colagem, ele é muito cuidadoso quando está fazendo algo, mesmo que não esteja fazendo conforme a professora solicitou. É muito dependente para realizar suas atividades de coordenação motora fina, neste dia auxiliei o mesmo em suas colagens.

W: Neste dia me aproximei do aluno também, quando eu cheguei o mesmo já estava na sala então me dirigi a ele para dar bom dia, estendi a mão, mas ele me ignorou momentaneamente, mas depois ele sussurrou algumas palavras e me estendeu a mão rapidamente, mas sua mãe instigou o mesmo ante do seu gesto: - cumprimenta o prof. **W.** - tornou a executar suas tarefas de montagem de palavras com o alfabeto em peças, me olhava rapidamente algumas vezes e quando percebia que eu estava o observando ele se agitava balbuciando alguns sorrisos e gestos estereotipados.” (Diário de observações, 22/10/2014 – 08h30min).

F: Observo que o aluno tem certa aceitação à minha presença na sala, e também responde à minha aproximação e a minhas tentativas de socialização com o mesmo, pergunto algumas coisas referentes ao seu dia a dia como, as aulas de natação, os passeios com seu irmão, ele me olha nos olhos e sorri e balança a cabeça com sinal de positivo, neste dia não fiz questionamentos que incitassem respostas negativas. Fiz algumas colagens com ele apenas o auxiliando e ajudando a professora titular que estava atendendo **W.** ao mesmo tempo. Eu colocava cola nas figuras e posicionava e **F.** apenas apertava as pontas sobressalentes das colagens, muito cuidadosamente com a falange distal do dedo indicador e efetuava este movimento somente quando eu solicitava.

W: O aluno ainda se mantém agitado em minha presença, mas não muito em relação aos primeiros encontros. Ele já me olha fixamente sem desviar o olhar quando a professora ou sua mãe se referem a mim dentro da sala ou quando eu falo algo com o tom de voz mais grave. Presta muita atenção em todos meus movimentos, posso perceber isso quando o mesmo está concentrado em alguma tarefa que ele gosta de fazer, como recortes, então eu me levanto e vou até o armário e pego algum objeto, ele para de recortar e fica me olhando, mas muitas vezes desvia o olhar. Quando sua mãe vem lhe buscar ela pede que ele se despeça de mim, ele se aproxima e me estende a mão rapidamente, eu aperto sua mão e propositalmente seguro por um tempo, então ele puxou a mão rapidamente e sorriu.” (Diário de observações, 27/10/2014 – 08h30min).

F: O aluno manteve-se tranqüilo como de costume, é o único aluno que até o momento responde diretamente minhas perguntas, mesmo que com respostas curtas. Neste dia fiquei pouco tempo na presença do aluno devido a uma divergência de horários, quando o mesmo foi embora deu tchau em tom alto de voz.

W: O aluno traz sua merenda de casa, todas as vezes que eu o observei ele trouxe waffer de chocolate que ficava sobre sua mesa até a hora da merenda. A merendeira avisava a professora da sala que a merenda estava pronta e a professora levava os dois alunos para o refeitório. Neste dia ela perguntou se **W.** queria ficar na sala comigo enquanto ela levava **F.** para o refeitório, **W.** prontamente pulou da cadeira e saiu da sala com a professora e com seu colega, eu e a professora sorrimos. Quando todos voltaram da merenda **W.** comeu sua merenda e começou a recortar a embalagem, recortou toda em micro pedacinhos, pacientemente, com um nível de concentração muito alto. Enquanto ele recortava a professora me mostrou os materiais de apoio que ela tinha na SAEE, abriu um armário que tinha jogos didáticos de blocos com alfabeto, mini-boliche, cordas, instrumentos musicais infantis, cartas entre outros. Peguei um instrumento e produzi um som com o mesmo, era um efeito sonoro semelhante ao bater de um sino. Prontamente **W.** parou de recortar e levantou a cabeça me olhando sério e

diretamente sem desviar o olhar, falei para ele: - ...pronto W., vou guardar... – a professora sorriu. Provavelmente ele estava me mostrando que não aprovava aquele som.” (Diário de observações, 29/10/2014 – 08h30min).

“K: Neste dia a aluna estava agitada, brincou somente com a bola Bobath no início da aula, explorando totalmente o objeto.



FIGURA 05 - K. explorando a bola Bobath na SAEE.

Logo depois a professora colocou algumas músicas no computador para ela escutar, então chamou a aluna e segurou suas mãos para brincar de ciranda. A aluna ficou muito feliz com a atitude da professora, prontamente ela começou a sorrir e a pular, mas por pouco tempo, depois disso ela começou a correr pela sala, de um lado a outro, passando por cima do tapete e muitas vezes quase escorregando no mesmo. Sua mãe disse que era a brincadeira favorita dela, só que deixava a mãe preocupada, pois sempre gostava de trombar em alguma coisa, e neste dia em sala de aula a escolhida foi a professora. Quando K. vinha de encontro à professora, a professora se virava de costas simulando que estava com medo de K. enquanto sua mãe dizia - ...devagar K., vai com calma... – e a aluna quando parava de correr começava a sorrir pelo gesto de medo da professora. Perguntei para a mãe da aluna se K. gostava de música e a mãe disse que sim, muito. Antes da brincadeira de correr a professora colocou algumas atividades didáticas no computador, como sons de voz masculina grave falando o nome de alguns objetos que apareciam na tela do computador. Quando começou a parte dos animais e insetos a aluna começou a se agitar e ficar com um semblante de angústia, e emitia sons altos como: - ... Cá..., cá..., cá... -, sua mãe disse que ela queria dizer – troca, troca, troca – pois não gostava de formigas, baratas e aranhas. Na hora em que a aluna corria em minha direção eu ficava apreensivo, mas ela me ignorava em relação a brincadeira e quando a mesma se direcionava para brincar com sua mãe ou com a professora ela me olhava rapidamente como que tentando ver se eu estava percebendo sua brincadeira. Na hora de ir embora ela não gostou muito, fez cara de insatisfação e não se despediu da professora e nem de mim, saiu da sala primeiro que sua mãe e com o semblante fechado, parecendo vagamente um sinal de rebeldia adolescente. Parou 3 ou 4 vezes durante a aula para comer e beber água.” (Diário de observações, 04/11/2014 – 08h30min).



FIGURA 06 - K. brincando de correr na SAEE.



FIGURA 07 – K. com seu objeto/brinquedo favorito.

“G: É um aluno agitado, é o único diagnosticado com a síndrome de asperger, a ecolalia e os gestos estereotipados são muito presentes. Dificilmente se mantém em silêncio, pelo menos na minha presença em minhas observações em sala de aula, repete dizeres do seu dia a dia, assim como propagandas de televisão. É atencioso e carinhoso com todos à sua volta. Neste dia ele chegou e deu uma atenção especial para a bola Bobat, mas apenas senta-se sobre ela e fica pulando sentado sobre a mesma.



FIGURA 08 – G. sentado da bola Bobath na SAEE.

Outros tipos de movimentos exploratórios com a referida bola o aluno não fez. Quando abandonou a bola ficou o tempo todo caminhando pela sala e repetindo frases, em algumas de suas repetições ele imitava os sons de alguns colegas, sua mãe disse que talvez fosse a maneira dele expressar que tem saudade de alguns colegas que não freqüentam mais a SAEE e

também em relação a eu ter explicado para ela que brevemente faríamos atividades em grupo e que G. percebeu e entendeu o que eu falei para sua mãe, pois, além disso, falei o nome de alguns alunos que ele não via faz tempo. Em um determinado momento o aluno se aproximou de mim. Eu estava sentado e ele estava de em pé atrás da cadeira em que eu estava sentado, então ele me abraçou e apoiou seu maxilar sobre minha cabeça e percebi que ele me cheirava levemente. Eu sorri e perguntei a ele o que estava fazendo, ele não respondeu apenas se afastou quando sua mãe o repreendeu, ela me falou que ele utilizava este comportamento para identificar e se acostumar às novas pessoas que estavam fazendo parte do cotidiano dele. Conforme a explicação de sua mãe ele não chega a lugares novos e vai cheirando e abraçando todo mundo, somente nos lugares que ele frequenta regularmente e quando uma pessoa frequenta esses lugares juntamente com ele por mais de uma ou duas vezes e ele não a conhece ele faz esse ritual. No dia em que ele cheirou minha cabeça ele sorriu e olhou para sua mãe e para professora e sorrindo falou: - ele passou gel? – sorrimos da sua colocação e dúvida, mas ele se afastou e seguiu repetindo suas frases. Na hora dele ir embora, enquanto sua mãe tratava alguns assuntos com a professora e ele percebeu que ela estava quase indo, ele se despediu de mim e da professora com beijos e abraços umas três vezes, demonstrando ansiedade para ir embora.” (Diário de observações, 04/11/2014 – 10h15min).



FIGURA 09 – G. em atendimento pedagógico na SAEE.

“W: A professora me solicitou que eu controlasse o vídeo de objetos no computador enquanto ela auxiliava os alunos em suas tarefas didáticas. O vídeo falava as palavras enquanto as mesmas apareciam na tela do computador, como objetos, profissões, partes do corpo, sentimentos, etc. Pude perceber que W. repetia algumas palavras juntamente com o locutor do vídeo e assistia as partes que o interessavam. Logo seguiu montando suas palavras ou recortando algo. Quando chegou a hora da merenda a professora perguntou se o mesmo queria ficar comigo na sala, ele não respondeu e ficou quieto, a professora perguntou novamente ele me olhou desconfiado e a professora o chamou. Ele quase ficou, mas se levantou e saiu da sala.

F: Repetiu várias vezes as palavras que a professora montou com ele, em um determinado momento ele parou e fixou o olhar no vídeo que eu estava controlando, perguntei se ele gostava de ver aquele vídeo e ele sorriu e fez

um sinal de positivo. Durante o restante da aula permaneceu sempre sentado.” (Diário de observações, 05/11/2014 – 08h30min).

“**K**: A aluna iniciou o atendimento como o vídeo educacional que eles assistem regularmente, ela disse que este vídeo auxilia na dicção daqueles que tem dificuldades de comunicação. A aluna começou assistindo ao vídeo atenciosamente e aos poucos foi se agitando conforme alguns objetos iam aparecendo, quando a aluna demonstrava desinteresse ela se afastava aos poucos das cadeiras em torno do computador e foi em direção a bola Bobath, como que tentando disfarçar do seu desprendimento em relação ao vídeo. Finalmente ela desprende a atenção do monitor do computador e pegou a desejada bola. Ela usa a bola de várias formas, senta-se sobre ela, se embala de decúbito dorsal e ventral, equilibra-se muito bem, explora quase que em sua totalidade.



FIGURA 10 – **K**. ao fundo da SAAE com a bola.

Uma outra aluna que é atendida na sala pegou a mão de **K**. e levou ela para sentar-se, mas em seguida ela saiu de novo. Pensei que talvez a aluna brinque com outros tipos de bolas, ou apenas deixa-las a sua disposição. A professora pegou alguns pandeiros para fazer barulho com elas e prontamente a aluna começou a correr na sala, o mesmo havia acontecido na aula em que ela ouviu música, ela corre, emite sons parecidos com a melodia das músicas, pega a bola e deita-se sobre ela, cai levemente no chão depois de escorregar sobre a bola Bobat e finalmente torna a correr pela sala, hoje ela está bem agitada. A professora tentou a fazer parar dando um pandeiro para ela, ela presta atenção no pedido da professora, mas ela ignora o instrumento. Muitas vezes ela demonstra interesse pelos vídeos, mas este interesse dura muito pouco. Em um determinado momento ela abriu um armário para pegar algo, mas sua mão não deixou, pois ela poderia pegar algo que a machucasse. Na hora da merenda a aluna saiu correndo para o pátio e a professora resolveu levar materiais para eles brincarem, como cordas e o mini-boliche. Estavam presentes no pátio da escola a mãe da aluna e a professora titular segurando a corda para 3 alunas pularem. Na maior parte do tempo somente as outras duas alunas pulavam e **K**. corria pelo espaço disponível, e quando parecia que ia pular ela somente passava correndo pela corda.



FIGURA 11 – K. pulando corda no pátio da escola

G: O aluno chegou e pediu merenda e a professora levou o mesmo para o refeitório, mas haviam alguns meninos correndo ao lado do refeitório na quadra de esporte da escola. O aluno começou a correr no meio dos outros alunos, estes alunos tinham a mesma faixa etária que G. e estavam jogando futsal, ele permanecia correndo no meio da partida sempre acompanhando os outros alunos no sentido em que eles corriam. Em alguns momentos ele abraçava alguns colegas e os mesmos sorriam, pois, segundo a professora, já estavam acostumados com a presença espontânea de G. nas partidas.



FIGURA 12 – G. correndo no pátio da escola.



FIGURA 13 – **G.** sinalizado, correndo em meio ao jogo de futsal.

*A professora me disse que desde pequeno, quando soa o sinal do recreio, **G.** corre para o pátio da escola para ficar no meio das outras crianças – a comunidade escolar já está adaptada à presença de **G.** – depois ele veio para a sala de aula onde a professora tentou chamar a sua atenção para os blocos de alfabeto mostrando-lhe a formação de seu nome, mas ele mantinha a atenção por apenas alguns segundos e tornava a repetir frases e palavras vagas ou de acordo com a situação do momento, também explorou um pouco a bola Bobath, sentando-se na mesma. No momento em que eu estava indo embora me despedi da professora e dei tchau para ele, ele me abraçou e encostou a cabeça no meu peito e também se despediu da professora dizendo - vou embora – sorrimos na sala e eu expliquei que eu estava indo e que ele precisava ficar com a professora, então ele passou a mão no meu rosto e se aproximou da professora, então eu saí”. (Diário de observações, 11/11/2014 – 10h15min).*



FIGURA 14 – **G.** descansando na SAEE depois de correr no pátio.

7.3 Relatório Avaliativo e Observacional 01

7.3.1 Primeiro Momento

Esta atividade busca inicialmente testar a capacidade de aceitar a organização imposta pelo desconhecido interveniente em um novo espaço, relacionando os comportamentos caracterizando esta primeira intervenção em grupo como *aula piloto*, para posterior adaptação. Havia três alunos presentes com seus acompanhantes. Como esperado houve rejeição de 2 alunos (W e G), e o que permaneceu nos tatames deitou-se (K) e não atendeu aos comandos de exercícios. Vale ressaltar que era a primeira vez que este grupo encontrava-se nesta sala de atividades. A atividade inicial era sobre tatames azuis espalhados pelo chão, notavelmente pode perceber-se a resistência dos alunos em subir nos tatames. No início da atividade G. permaneceu inquieto andando pela sala tentando desprender-se da condução de sua mãe, como nas descrições relatadas a seguir:

“W: Aproximei minha cadeira dele e pedi que sua mãe sentasse ao seu lado, comecei a fazer movimentos de alongamento sentado solicitando verbalmente que ele repetisse comigo, quando chamava a atenção dele pelo seu nome sua expressão facial era de apreensão e quando eu mostrava o movimento e ele percebia sua mãe fazendo ele sorria e fazia exatamente igual, mas sempre sentado. No final dos movimentos tentamos ficar em pé e pedimos para ele nos acompanhar, mas ele rapidamente levantou-se e imediatamente sentou-se, mudando a expressão facial.



FIGURA 15 – W. de camiseta azul ao centro, realizando

alongamento.

G: Não ficou sobre o tatame, mas no momento em que eu estava sentado frente a W. pude perceber que G. estava os tatames cruzando rapidamente sobre os mesmos, nestes momentos sua mãe tentava convencê-lo a fazer os exercícios que eu e W. fazíamos, por alguns instantes deixava sua mãe aplicar os movimentos, mas logo se desfazia do momento de pausa.



FIGURA 16 – G. ao centro, de camiseta vermelha, sendo auxiliado.

K: primeiramente deitou-se sobre o tatame, mas em seguida se levantou e explorou o espaço da sala de atividades correndo, nota-se que ela gosta muito de correr, embala o tronco para frente e deixa o movimento das pernas conduzirem-na, sempre indo de encontro a alguém com a qual ela tenha certa intimidade (mãe e professoras).” (Diário de intervenção em grupo, 17/11/2014 – 14h00min)



FIGURA 17 – K. deitada sobre o tatame na atividade de alongamento.

7.3.2 Segundo Momento

Nesta atividade os alunos dispostos em fileira eram acompanhados pelas mães e guiados por elas para vencerem alguns obstáculos que trouxessem dúvidas aos alunos, obstáculos simples, mas provocantes para a concentração dos alunos. Por exemplo, subir em tatames empilhados e pular de cima deles, subir em um palco e descer do mesmo em escadas, desviar de algumas cadeiras colocadas na frente do grupo, pular no tatame novamente e pular sobre uma corda em movimento de ziguezague, ao fim explorar a bola Bobath. Após 2 repetições deixá-los a vontade para explorar os elementos dispostos no espaço. Como nas descrições relatadas a seguir:

“W: Efetuou o circuito cuidadosamente, realizou todos os movimentos, sempre escutando sua mãe que lhe guiava. Saltitava sobre os tatames quando subia e quando chegava à corda parava sobre ela e só olhava como que se quisesse apenas admirar o movimento que a mesma fazia. Mas insistiu, agitou-se descontente e tornou a sentar-se. Alguns minutos depois percebi que W. admirava o movimento da corda enquanto estava sentado e perguntei se ele gostaria de balançá-la e ele resmungou e baixou a cabeça, então insisti e coloquei a corda em sua mão e sua mãe disse: “... pega filho...”, então ele segurou em uma ponta e eu em outra e ele começou a movimentar a corda vigorosamente juntamente comigo e as professoras passavam sobre a corda em movimento. Neste momento W. mostrou muito entusiasmo e alegria, sorria muito e quase pulava sentado.”



FIGURA 18 – W. percebendo e curioso com o movimento da corda.

Em um determinado momento sua mãe o convidou para fazer o percurso sozinho e o levou até as escadas e se afastou, quando W. percebeu, que era eu que estava ao seu lado ele voltou correndo para o encontro de sua mãe, que o levou até o palco.



FIGURA 19 – W. de azul, ao centro, voltando para sua mãe.

Quando W. estava em cima do palco peguei a bola Bobath e joguei em direção as suas pernas e disse: “... joga para mim W. ...”, sua mãe repetiu: “... joga para o professor...”, então ele pegou a bola e largou sobre os próprios pés, novamente peguei a bola e imitei o modelo de como W. deveria jogar, então ele pegou novamente e sua mãe solicitou que ele jogasse forte e ele arremessou precisamente em minha direção, aplaudimos ele e incentivamos a repetir então realizou o movimento umas 4 vezes mais, então eu parei e deixei ele seguir o percurso do circuito. Quando terminou saiu correndo, saltitando e sorrindo em direção a sua cadeira.



FIGURA 20 – W. interagindo com o professor.

G.: Efetuou o circuito quase que contra sua vontade, demonstrava que não queria seguir em fila. Mas obedeceu ao que sua mãe pedia e experimentou os diferentes momentos proporcionados pelo circuito. Ao final sua mãe o deixou livre e ele seguiu passando pelas estações sozinho e quando chegou no palco permaneceu sobre ele, então tentei me aproximar para chamá-lo para outros obstáculos e ele disparou de mim, indo para longe, não insisti. Um pouco depois percebi que ele estava com a corda e tentava fazer movimentos, então ele se aproximou de W. que estava sentado e alcançou uma ponta da corda e ficou com outra e os dois balançavam imitando o movimento feito pelas professoras no circuito.



FIGURA 21 – W. e G. socializando a corda.

Depois disso me aproximei e disse para balançar a corda comigo em cima do palco, peguei uma ponta da corda e puxei-o e ele veio, gostou de ser puxado, e já no palco ficou observando os movimentos que a corda fazia quando eu balançava a mesma. Depois disso tentei alcançar a bola Bobath para ele me jogar, mas ele apenas largava a mesma no chão e depois se afastava rapidamente.



FIGURA 22 – tentativa de jogar com G.

Então peguei a bola e coloquei sobre os tatames e convidei-o para sentar, ele sentou-se na bola Bobath, sempre com a corda na mão, tentei puxar seus braços para que ele escorregasse sobre a bola e ele puxou os braços e não deixou tocá-lo, então deixei que ele explorasse a bola sozinho.



FIGURA 23 – **G.** interagindo com o professor na bola Bobath.

***K.:** Efetuou o circuito com meu auxílio, tem alguns prejuízos motores para subir em escadas ou ultrapassar degraus. Levei-a e ela seguiu fielmente sobre os obstáculos do circuito, quando terminou se desprendeu da minha mão e voltou a correr, já não ia em direção as pessoas que tinha mais intimidade, quem estivesse a sua frente ela ia de encontro como que convidando para correr ou subir no palco.*



FIGURA 24 – **K.** sobre o tatame, sendo conduzida pelo professor

Sempre que K. via alguém em cima do palco ela corria e direção ao mesmo e ficava parada olhando para o espaço do palco, quando eu estava em cima e via ela se aproximando eu perguntava: "... quer subir aqui em cima K.?", ela erguia um dos braços e emitia alguns sons como que pedindo que eu a levasse. Quando K. estava sobre o palco ela não tentava soltar minha mão, parecia que tinha medo da altura do mesmo. K. tem muito prazer em correr de um lado a outro da sala, na SAAE (Sala de Atendimento Educacional Especializado) ela se contenta em explorar de várias formas a bola Bobath, mas parece que no novo espaço ela deixou a bola de lado. Quando eu percebia que ela estava cansada eu a trazia para alongar-se na bola Bobath, ela prontamente jogava-se sobre o tatame então eu e uma das professoras a puxávamos para a bola e quando deixávamos-la livre ela experimentava os seus movimentos preferidos da SAAE." (Diário de intervenção em grupo, 17/11/2014 – 14h20min)



FIGURA 25 – K. explorando a bola Bobath e interagindo com o professor.

7.3.3 Terceiro Momento

Nesta atividade solicitei aos pais que se sentassem nas cadeiras com os alunos em um semicírculo, próximos a um computador com caixas de som, eu me sentei ao lado para acionar as canções e efetuar as mesmas cantando e coreografando para que os alunos imitassem. Solicitei que as mães cantassem e realizassem as coreografias juntamente comigo para provocar interesse nos alunos. Como nas descrições relatadas a seguir:

W: Permaneceu sentado, prestou muita atenção quando eu demonstrava a coreografia e quando sua mãe solicitou que fizesse igual ao professor ele prontamente imitou os movimentos. W. tem a coordenação motora fina muito apurada, na SAAE ele faz muitos trabalhos de recortes e pinturas, fica muito concentrado nestas atividades. No momento das coreografias percebi que seus movimentos em relação aos meus eram reduzidos, ele inicialmente reproduziu modificando os movimentos de coordenação motora ampla para a fina, movimentos de membros superiores associados com abrir e fechar das mãos ele apenas encostava os dedos uns nos outros, rapidamente, sem movimentar os braços. Mas alguns minutos depois ele já efetuava os movimentos quase que idênticos aos meus. Sorria muito quando percebia que todos apoiavam sua coreografia e sua evolução. Sua mãe disse que ele não gosta de canções com volumes altos, então deixei a cantiga com volume reduzido para ele não tapar os ouvidos, deixei evidente mais os movimentos.

G: Não quis permanecer sentado, não demonstrou muita animação com as canções e com a coreografia, mas em alguns momentos sentou-se para olhar o que todos faziam, talvez como curiosidade, aparentemente sem interesse em participar da atividade. Sua mãe explicou que estava quase na hora da musicoterapia dele, então ele estava interessado em ir embora, demonstrando muita ansiedade. Algumas vezes sua mãe tentou fazer com que ele fizesse a coreografia segurando-lhe os braços, mas ele se levantava e saía.



FIGURA 26 – Terceiro momento, tentativas de coreografias.

K: Não se sentou, apenas para tomar água quando parava de correr, já era o final das atividades e ela já demonstrava certo cansaço. Uma das professoras a pegou pelo braço e acompanhou pela sala para que ela não voltasse a correr, e seguiu acalmando ela com as canções que estavam sendo cantadas pela maioria, a professora caminhava calmamente ao lado dela cantando baixinho em seu ouvido e ela prestava muita atenção, sua mãe me disse que ela gosta muito de violão. E assim ela ficou até o final da aula.” (Diário de intervenção em grupo, 17/11/2014 – 15h10min)



FIGURA 27 – K. ao fundo, de regata rosa, distante da atividade.

7.3.4 Quarto Momento

Enquanto as professoras cuidavam de G. e K. eu conversei com as mães sobre as atividades que acabavam de acontecer, deixei bem claro que não criava expectativas em cima do desenvolvimento instantâneo dos alunos, pois tudo havia sido planejado para provocar a inquietude deles em movimentar-se no espaço e adaptar ao cotidiano de cada um, e que usaríamos este presente modelo de atividade piloto para que adaptássemos ao próximo encontro.



FIGURA 28 – Conversa com os pais.

Conhecendo cada um podemos imaginar o que chamaria a atenção deles na próxima intervenção. Pude perceber que os acompanhantes presentes aprovaram, ao menos conversando comigo, a maneira de como as atividades relacionais eram dirigidas, esta aprovação estava expressa nas atitudes de elogiarem seus filhos quando eles realizavam algo novo para eles, como interagir através de jogos de pular corda ou arremessos com a bola Bobath. Comentei que estava muito satisfeito com o resultado.

7.4 Relatório Avaliativo e Observacional 02

7.4.1 Primeiro Momento

Neste segundo encontro realizamos esta primeira atividade todos sentados, reuni os pais e responsáveis juntamente com os alunos e obtive uma ótima resposta, não realizaram todos os movimentos, mas sentaram-se, atitude que no encontro anterior não haviam feito por vontade própria. Havia neste dia 4 alunos com seus acompanhantes. Efetuamos movimentos de alongamento de membros superiores e inferiores, como nas descrições relatadas a seguir:

“W: O aluno permaneceu sentado, estava agitado e efetuando movimentos estereotipados com os membros superiores, sua acompanhante estava ao seu lado o tempo todo e solicitou que o mesmo prestasse atenção no que eu estava fazendo. Ele se acalmou e me olhou atentamente sorrindo, eu o chamei pelo nome assim como os outros e o convidei para realizar os seguintes movimentos: extensão dos membros inferiores, tentando alcançar a ponta dos pés com as mãos. Extensão dos membros superiores, estendendo para detrás das costas e auxiliados pelos acompanhantes, a mesma extensão dos membros superiores anterior só que sobre a cabeça e depois para frente. O aluno fez todos os movimentos, e somente em um sua acompanhante o auxiliou. Estava bastante apreensivo para se levantar, ele tem muita timidez em sair da cadeira, somente com o pedido de sua mãe, que o estava acompanhando, ele se levanta. Parece que quer sair do lugar, mas tem medo, pude perceber que em apenas um dia de intervenção ele já se sentia a vontade em minha presença.”



FIGURA 29 – W. e F. alongando-se.

G: Permaneceu sentado, mas simplesmente ignorou os movimentos que estávamos realizando, ficou observando com muita curiosidade como se quisesse perguntar o que estávamos fazendo, no momento da extensão dos membros inferiores sua mãe efetuou o alongamento e o mesmo copiou, rapidamente até o momento de elogiarmos, pedi que ignorassem, para ver se ele seguia então sua mãe pediu para que ele fizesse de novo e ele fez, ninguém disse nada, somente sorriram e ele continuou fazendo somente este alongamento. Quando estávamos quase terminando ele começou a tentar levantar-se e sua mãe disse para ele ficar, ele ficou, mas com muita insatisfação. Às vezes percebo que ele se sente insatisfeito, não vejo timidez e sim alguma falta de motivação ou atração em algumas atividades. Sua acompanhante (mãe) diz que ele está, segundo seu médico, com um “problema hormonal” e que certas vezes permanece muito agitado e intolerante a algumas coisas.

K: Nesta primeira atividade a aluna, por curiosidade permaneceu sentada e por causa de seu prejuízo motor precisou do auxílio de sua mãe para efetuar alguns alongamentos iniciais, fez todos com muita seriedade, mas quando percebia que estava acabando a seqüência tentava levantar-se e era segurada pelo braço por sua mãe e fazia outra atividade e repetia o gesto de tentar levantar-se, não demorei muito, pois percebi que **K.** e **G.** não estavam satisfeitos com a concentração exigida neste primeiro momento da intervenção.

F: Era o primeiro dia do aluno, realizou todos os movimentos, pude perceber que gosta de fazer atividades corporais, é bastante participante, mas precisa de ordens verbais e modelos claros para sua percepção e realização dos movimentos. Seu acompanhante (irmão) o conduz muito bem, dirigi-se a ele de forma adequada na forma de que o mesmo compreende e realiza exatamente as atividades. **F.** realiza tudo com muita calma, mas com clara precisão. Posso dizer que estava curioso para saber como ele se comportaria nas atividades que viriam a seguir.” (Diário de intervenção em grupo, 19/11/2014 – 14h10min)

7.4.2 Segundo Momento

Montei o circuito deste dia com mais elementos que na intervenção anterior, para dar mais possibilidades e escolhas para os alunos. Fiz algumas alterações nos elementos que já havia trabalhado anteriormente, por exemplo: reduzi os tatames no chão da sala, apenas deixei 2 unidades juntamente com a bola Bobath e no espaço em que os alunos tinham que efetuar um salto sobre os tatames na aula anterior eu alterei por marcas escuras no chão claro, feitas com fita isolante, no palco que havíamos apenas experimentado a altura do mesmo, coloquei bolas de borracha colorida com um diâmetro aproximado de 20 cm.

As respostas foram ótimas e muito surpreendentes, alguns comportamentos se repetiram, mas a adaptação ao novo ambiente por alguns foi bastante perceptível. No momento da chegada alguns participantes se desprenderam do controle dos seus acompanhantes e subiram no palco que haviam experimentado na aula anterior, demonstrando que sabiam o que iam fazer ou que lembravam o que fizeram, e pude perceber que gostaram o semblante deles era de felicidade, sorriam e corriam pelo espaço, somente **W.** e **F.** permaneceram intactos com seus comportamentos rotineiros, como nas descrições relatadas a seguir:

“W: O aluno não queria levantar do semicírculo de cadeiras que havíamos feito para a primeira atividade, mas eu sai na frente de todos acompanhando K. então a mãe de W. disse para ele – vamos com o professor filho! – ele levantou-se sempre acompanhando sua mãe, ele segurava o braço dela e foi juntamente com os outros, no primeiro obstáculo pude ver vagamente o cuidado que ele teve em não pisar nas marcas escuras feitas intercaladas no solo. Logo depois subiu no palco onde estavam as bolas coloridas e ele desviou de todas, sua mãe solicitou que ele chutasse, mas ele se renegou, passou por duas e viu que alguns colegas chutavam assim como os acompanhantes de alguns alunos então na última bola ele encostou o pé mas não empurrou com o pé a bola só encostou leve e rapidamente. Depois do palco com as bolas cruzamos por uma linha escura desenhada em ziguezague que estava no chão claro, para percepção do equilíbrio, o aluno passou sobre a linha sozinho, sem o apoio de sua mãe, manteve a seriedade na atividade e depois que terminou pulava, sorria e batia palmas. No penúltimo elemento (pular corda em movimento de cobra) ele sentou-se e não quis fazer, mas as professoras e sua acompanhante insistiram e ele levantou-se, mas ficou parado sobre a corda admirando seu movimento, nós falávamos: - pula W., pula! – e ele dava alguns saltitos nas pontas dos pés, então lembrei que na última aula ele brincou com o movimento da corda e falei para ele pegar a corda com a professora e ela alcançou a corda para ele.



FIGURA 30 – Disputando arremessos com **W**.

*Neste momento o aluno começou a movimentar a corda e quando seus colegas passavam correndo sobre a mesma ele dava gargalhadas em tom alto e sorrindo muito, parecia que estava gostando de tentar derrubar seus colegas, e quando alguém se encostava à corda ele sorria mais ainda. Ele não quis ir até onde a bola Bobath estava então sua mãe levou a bola até ele e fê-lo praticar alguns exercícios como na aula anterior. Seu único receio é sentar-se sobre a bola, acredito que pelo medo que o desequilíbrio causa a ele, mas as outras atividades como jogá-la e estender as pernas sobre a mesma ele faz com muita concentração. Depois que alguns repetiram o circuito, **W**, com sua acompanhante jogaram e chutaram entre si as bolas coloridas que estavam sobre o palco, explorando alguns espaços da sala, além de segurarem a corda juntos e movimentá-la apenas para admirar seu movimento. Pude notar que ambos estavam divertindo-se e motivados a permanecer a explorar os espaços e os elementos que estavam ali inseridos.*



FIGURA 31 – **W**, efetuando a atividade de ziguezague (equilíbrio).

G: Na fila do circuito o aluno estava acompanhado de sua mãe logo atrás de mim, então enquanto eu acompanhava **K.** dava alguns incentivos verbais para **G.**, e ele me seguia. Na parte de cores intercaladas no chão ele não respeitou muito, mesmo com sua mãe dizendo para ele olhar para o solo ele permanecia com a cabeça erguida olhando para frente ignorando a atividade, apenas caminhou sobre as marcas. Subiu no palco rapidamente, quase que puxando sua acompanhante, ele gosta muito de estar observando do alto. No palco ele andou, tentava se soltar das mãos de sua mãe e caminhava de um lado para outro, desviava das bolas, não queria tocá-las, e quando chutou parecia que queria se livras, ou tirar de sua frente, todos passaram pela atividade e ele ficou, mas em seguida saiu. Na outra atividade ele olhava para o chão e em seguida desviava o olhar, sempre repetindo algumas frases, efetuou o ziguezague da atividade com sua mãe o conduzindo sobre a faixa escura no chão, não para ele conseguir, mas para ele permanecer na atividade.



FIGURA 32 – **G.** passando pelo ziguezague.

Terminada esta parte ele se dispersou do grupo e ficou próximo a uma janela, talvez para pegar um pouco de vento, pois neste dia a temperatura ambiente estava um pouco alta, em torno de 35c°. Depois se sentou e ficou somente observando seus colegas brincarem na sala. Demonstrou um pouco de cansaço, mas na última aula aproveitou bastante, brincou muito com a corda, então peguei a corda e alcancei para ele e **G.** ameaçou jogá-la pela janela, sua mãe tomou-a dele antes que ele o fizesse, e o repreendeu. Como já foi colocado nos relatos das observações, lembrei do que sua mãe disse sobre ele estar com um problema hormonal então consenti com sua mãe em deixar **G.** aproveitar a intervenção do jeito dele, sem interferir e ele permaneceu sentado até o fim da nossa aula. Ajudou no final a tirar as fitas escuras que marcavam o chão.

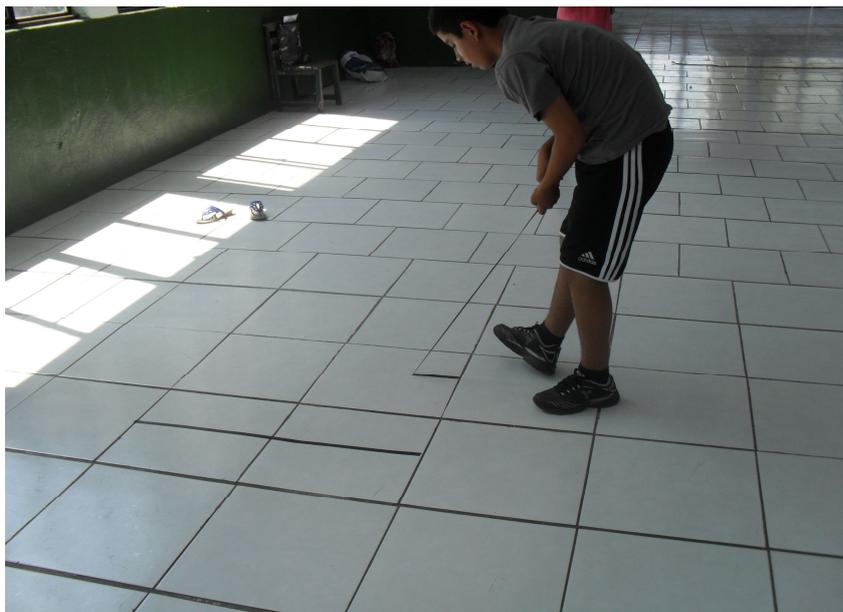


FIGURA 33 – **G.** tirando as fitas do chão.

K: Acompanhei a aluna em todo o circuito, a vontade dela em se desprender de quem está lhe guiando é muito forte, ela gosta muito de correr e é difícil fazê-la parar quando começa. Mostrei as marcas do chão e disse para ela não pisar nas marcas escuras, disse: - não pisa na faixa **K.** - ela teve um pouco de dificuldade em controlar o movimento dos membros inferiores, mas comigo dando apoio e direcionando-a ela conseguiu passar pelos obstáculos vagarosamente e ainda assim pisando em algumas linhas. No palco ela tem algum prejuízo motor para subir as escadas, a subida tem que ser com bastante cuidado de quem a acompanha pois ela quer sempre correr.



FIGURA 34 – **K.** sendo guiada pelo professor para o circuito.

Ela subiu e sorriu depois disso, quando falo com ela, **K.** presta bastante atenção, falei para ela chutar a bola e ela chutou meio desajeitada, mas chutou e ficou feliz, ela quis sair atrás da bola, mas a bola caiu do palco e

eu disse que depois ela pegava. Descemos do palco e conduzi-a sobre o ziguezague em linha, ela fez a direção da linha, mas não pisou fielmente sobre ela, mas fez com cuidado e atenção olhando para baixo conforme eu mostrava para ela. Depois que terminamos as professoras a chamaram para passar pela corda em movimento e não pude mais segurá-la. K. ficou passando pela corda por um bom tempo, enquanto tivesse alguém movimentando a corda ela estava passando. Na SAEE ela gosta muito da bola Bobath, mas nos dois dias de intervenção em grupo a aluna não demonstrou interesse nenhum na bola, somente no momento em que ela queria descansar eu aproveitava para levá-la para explorar a bola Bobath, sabia que K. relaxaria fazendo esta atividade. No final ela permaneceu sentada ao lado de sua mãe que a controlava para ela de hidratar e não seguir correndo, pois parece que K. não percebe quando está exausta. Fiquei muito satisfeito com as respostas da aluna nesta atividade.



FIGURA 35 – K. passando pela corda movimentada por W.

F: O aluno é muito correto para efetuar as atividades, mas para iniciar as atividades ele precisa de ordem verbal, ou um modelo prático e claro do que tem que fazer. Ele começou o circuito acompanhado de seu irmão que não o leva mas vai na frente demonstrando o que ele tem que fazer, na primeira parte ele disse para ele segui-lo mas não era para pisar na parte escura no solo, então ele ficou para e não se movimentou, seu irmão voltou e levou ele e ele passou corretamente sem tocar nas linhas, na hora de subir no palco ele subiu sozinho e nas bolas ele não chutou, mas conduziu a bola como se estivesse jogando uma partida, teve muito controle com a bola nos pés, mas por pouco tempo, até por que o espaço era pequeno em cima do palco, mas a maneira com que ele conduziu a bola foi bastante admirada por todos no momento da atividade. Ele desceu sozinho também e andou sobre a linha corretamente só com os comandos verbais do seu irmão que o acompanhava de perto, efetuiu o percurso corretamente e na hora de passar pela corda em movimento foi somente acompanhado pelo seu irmão, seu salto sobre a mesma foi quase imperceptível, mas ele entendeu que a corda não podia tocá-lo, pode-se perceber sua satisfação quando completa uma atividade, e por fim seu irmão lhe auxiliou na bola Bobath, fez com que ele a explorasse quase que por completo, ele ficou apreensivo com a possibilidade de desequilibrar-se, mas fez os movimentos com a bola. Ele tem muita destreza para recepcionar e arremessar objetos que exijam movimentos motores amplos, como a bola Bobath e as bolas coloridas que estavam na sala.



FIGURA 36 – F. arremessando a bola Bobath com seu irmão.

Em um momento ele estava sentado com seu irmão trocando arremessos com uma bola colorida e eu me aproximei e pedi que ele ficasse em pé, os dois ficaram então trocamos passes em trio, sue irmão ensinou-lhe a efetuar um movimento parecido com o saque do vôlei e ele fez o movimento, com suas limitações, mas fez imitando o modelo representado por seu irmão. Depois os deixei sozinhos e quando vi F. pegou a bola Bobath, que é maior, e levou para arremessar com seu irmão, então eles trocaram diferentes passes de um lado a outro da sala e alguns alunos como K. aproximaram-se, pois gostaram, acredito que pelo movimento amplo que a bola fornecia ao ambiente. F. aproveitou todos os elementos dispostos no espaço, explorou com o auxílio de seu acompanhante e socializou com outros colegas as diferentes experiências da nossa intervenção. Dentro do possível e de um modelo apropriado e adaptado para suas capacidades, F. aproveita e sabe seguir as ordens, mas precisa ter comandos verbais, senão ele permanece apenas observando.” (Diário de intervenção em grupo, 19/11/2014 – 14h30min)



FIGURA 37 - F. explorando a bola Bobath.

7.4.3 Terceiro Momento

Nesta atividade, montamos um semicírculo, onde todos inicialmente sentaram-se, apenas um ou dois alunos resistiram em sentar-se, mas no final obtivemos uma resposta muito positiva em relação ao objetivo da atividade, seguem as descrições relatadas:

“W: Como na primeira aula o aluno prestou muita atenção nas canções, quando todos cantam juntos ele fica mais agitado, permaneceu sentado e gesticulando com os modelos ao seu redor. Efetuou todos os gestos das canções, quase todas com referências corporais como membros superiores e inferiores, cabeça, tronco, articulações, olhos, boca, nariz e ouvidos. O aluno interage com todos os envolvidos no momento das canções, através de olhares, sorrisos e gestos estereotipados como movimento de balanço do tronco e dos membros superiores. Estes movimentos diminuem quando o aluno concentra-se na atividade e voltam nos intervalos das canções, juntamente com sorrisos como se pedisse para continuarmos. Esta é uma das atividades que o aluno mais gosta.

G: Inicialmente o aluno se desprende do grupo, mas aos poucos foi se aproximando, deixei que as professoras cantassem canções que eram habituais na SAEE, então eles prestaram mais atenção nos gestos e nos sons do que no último encontro, G. se aproximou e sentou-se ao lado de sua mãe, não demonstrou nenhum comportamento que evidenciasse seu interesse na atividade, permaneceu por alguns minutos indiferente ao que estava acontecendo. Em um determinado momento sua mãe segurou seus braços para tentar fazê-lo movimentar-se, permitia, mas não agia por vontade própria. Sua acompanhante o deixou de lado e fez os gestos juntamente com os outros e G. vendo sua mãe gesticulando, sorriu e imitou alguns movimentos, como tocar nos pés, por exemplo. Em cada movimento era elogiado por sua mãe e pelos professores, ao final estava inquieto querendo ir embora.

K: Até a primeira metade da atividade ela esteve correndo pelo espaço de intervenção e sua mãe tentando trazê-la para o círculo de cantigas, então eu solicitei que sua mãe a deixasse correr e viesse sentar-se conosco, e ela veio. K. não deu nem mais um passo, olhou para sua mãe e veio atrás dela e sentou-se no colo da professora supervisora e ali permaneceu realizando os gestos com o auxílio da professora, que movimentava seus braços conforme os gestos coreografados das cantigas de roda. Acredito que ela permaneceu por dois fortes motivos, um é o cansaço que ela apresentava, pois foi a mais ativa em todas as intervenções realizadas, e o outro motivo é que a professora que no encontro anterior cantou baixinho próximo ao seu ouvido estava cantando no centro da roda neste dia.

F: Permaneceu sentado, efetuou corretamente todos os gestos das coreografias e quando não conseguia acompanhar a complexidade de algum movimento ele sorria. Seu irmão estava sempre ao seu lado realizando os gestos das coreografias e mostrava para F. efetuar dizendo: - assim gordinho ó, assim... – e F. realizava, as vezes rindo de seu irmão, mas realizava, com toda sua serenidade e apreensão.” (Diário de intervenção em grupo, 19/11/2014 – 15h20min)



FIGURA 38 – Terceiro momento.

7.4.4 Quarto Momento

Neste momento realizamos uma confraternização de despedida das atividades, pois seria o último encontro em grupo proporcionado pelo presente estudo. Nossas principais reflexões foram em torno das capacidades motoras dos alunos envolvidos e dos gostos e desgostos apresentados por cada um. Ficou a expectativa de novos encontros com essas características por parte da associação, comentei com o grupo presente que estaria trabalhando como voluntário na associação dos autistas e que futuramente o planejamento de trabalhos com esse caráter estaria concretizado. Em relação ao desenvolvimento da intervenção deste dia, podemos perceber a interação entre os alunos, o relacionamento entre os professores, alunos e responsáveis que estavam presentes.



FIGURA 39 – F. servindo-se na confraternização.

No meio da conversa **F.** levantou-se e pegou uma toalha que estava na mão de mãe da **K.** e foi em direção à colega e limpou seu maxilar, pois **K.** estava salivando, seu irmão disse que ele tem o costume de sempre limpar algo quando acha que está sujo, ou secar o que está molhado.



FIGURA 40 – F. limpando o queixo de K.

As escolhas de cada aluno em relação aos objetos foi um comportamento evidente, **K.** gostou muito de correr atrás das bolas coloridas que sua mãe jogava no salão, **W.** gostou de fazer cestas de basquete com as bolas coloridas e um balde de

limpeza que estava no local, disputou comigo alguns arremessos e sempre que acertava era elogiado. Também com o incentivo de sua mãe gostou muito de explorar a bola Bobath com os membros inferiores e de balançar a corda. **G.** brincou muito tempo de subir e correr sobre o palco e também de movimentar a corda juntamente com **W.** e **F.** permaneceu um bom tempo arremessando com força de um lado a outro a bola Bobath com seu irmão, além se trocas de passes e tentativas de saques com as bolas coloridas.

Todos estiveram aproveitando o que foi ofertado, todos estiveram realizando movimento corporal nestas intervenções e também estiveram saindo do estado de repouso.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme visto nos objetivos, a presente intervenção buscou uma aproximação do aluno autista com a cultura do movimento. Sabe-se que a interação veio de acordo com a presença do professor de Educação Física no cotidiano da turma, presença esta que ocorreu desde as observações fora do âmbito escolar, dentro da associação de autistas, no desfile do dia 7 de setembro, e até a sala de aula. No tópico de observações buscamos apenas conviver com os mesmos sem intervir no cotidiano deles, mas as expressões colhidas no meio étnico e no cotidiano autista foi surpreendente, o que nos levou a interagir com os mesmos, muito mais pelo que queríamos descobrir que aconteceria, como um tipo de curiosidade direcionada. Minha espera, de que houvesse algum esboço de reação sobre aquele algo novo que estava freqüentando o ambiente deles se concretizou nos primeiros dias de aula. Quando a professora supervisora saiu da SAEE para levar F. para merenda, W. saía juntamente com ela, quase que fugindo de mim, mas bastaram duas semanas de convivência quando certo dia ela perguntou se ele queria ficar na sala ou queria ir com ela, eu não expressava nenhuma reação, não o convidava, deixava que a professora o fizesse, eu apenas sorria. E ele ficou, um pouco encabulado, mas ficou.

A preparação para as intervenções exigiu muita apreensão por minha parte e da co-orientadora, discutimos muito em relação às atividades que seriam dispostas e as situações que seriam ofertadas, talvez fosse necessário intervir individualmente, com cada característica e personalidade de cada aluno, respeitando seus costumes e cotidiano, a fim de, aos poucos inserir as mudanças adaptadas a cada um para que os mesmos utilizem à expressão corporal para responder aos estímulos dos professores, mas as observações interventivas não surtam tanto efeito quanto um espaço amplo e cheio de modelos para o aluno alimentar sua imaginação. Os relatos de mudanças benéficas para as atividades sociais dos alunos-alvo desta intervenção, a produção da socialização entre alunos e professores, a cooperação nas atividades propostas, e o pleno entendimento dos profissionais que trabalharam diariamente com os mesmos foram atingidos.

8.1 Reflexões Avaliativas

A persistência na formulação das atividades é um tópico que exige muita preparação, assimilar as diferentes características dos indivíduos deste estudo não foi fácil. A associação das condições e das capacidades com a prática corporal teve que ser minuciosa, não pela idade intelectual, ou pelas condições que cada aluno apresentou, mas pela motivação e vontade de se inserir no novo, que vai contra a natureza autista apresentada na literatura. Com certeza isso provocou nos alunos uma luta intrínseca, de se concentrar e colher no ambiente aquilo que é intrigante para ele, e que só a prova da experiência poderá fornecer a resposta para eles mesmos.

O professor, como traz muitos autores, tem que realmente ser um instrumento no meio da atividade em grupo com alunos autistas. Ser uma ferramenta facilitadora da aproximação dos alunos com o meio relacional que envolve o ambiente, os elementos e objetos que compõe este ambiente, e as condições de relação social e psicomotora que adaptam o aluno a este ambiente. Este trabalho abriu as reflexões sobre como, inicialmente, a cultura corporal do movimento pode ser lançada no espaço amplo que abrange a Educação Física com caráter inclusivo e adaptativo.

A capacidade de decifrar os comportamentos e saber quando o aluno está inserido no processo de adaptação das práticas e o professor inserido no processo de aceitação do aluno, se apresentam claramente quando o respeito das condições autistas está sob o controle do interveniente. Este trabalho me esclareceu e apresentou uma nova possibilidade da licenciatura, a possibilidade de dispor a atenção pessoal, centralizando-a no despertar da independência do aluno em relação ao método diretivo. Ser um professor que almeja a atitude intrínseca do autista para que o mesmo torne-se auto-suficiente para conduzir seu físico até os limites que abalam o repouso corporal.

Uma das várias possibilidades que este trabalho trouxe, e que provavelmente é uma das principais, foi a percepção do progresso da relação do aluno com os demais, a socialização, a interação e a vivência em grupo apresentada pelos mesmos. Por que a apreensão daquelas pessoas, profissionais da área da deficiência intelectual que há vários anos acompanham estes alunos, quando se depararam com comportamentos e gestos que os novos? A resposta está naquilo

que é proporcionado, se for oferecido, será adquirido.

Talvez esta interferência traga novas possibilidades de desenvolvimento no cotidiano da turma especial que foi campo de intervenção do presente trabalho. O ápice do mesmo será se, através das práticas corporais, este sirva de exemplo para que futuros professores de Educação Física percebam avanços no desenvolvimento cognitivo e social de alunos com autismo que se submeterem a oferta da cultura corporal do movimento.

9 REFERÊNCIAS

GAUDERER, E. C.; **Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

KANNER, L. - **"Autistic disturbances of affective contact"** in Acta Paedo-Psychiatrica, nº35, 98-136, 1968. Publicação original in Nervous Child, 2, 3, 217-230, 1943.

VATAVUK, M. C.; **Ensinando Educação Física e indicando exercício em uma situação estruturada e em um contexto comunicativo: foco na interação social**. Congresso Autismo. Europa, Barcelona, 1996.

MEC. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA. **Declaração de Salamanca**. Brasília. MEC/ Secretaria de Educação Especial, 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 15, jun. 2014.

GUTFREIND, C. **Vida e arte: a expressão humana na saúde mental**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SILVA, R.F; SEABRA JUNIOR, L; ARAÚJO, P.F. **Educação Física Adaptada no Brasil: da História à Inclusão Educacional**. São Paulo: Phorte, 2008.

PEDRINELLI, V. J. VERENGUER, R.C.G. **Educação Física Adaptada: Introdução ao Universo das Possibilidades**. In: GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes da (Org.). **Atividade Física Adaptada: Qualidade de Vida para Pessoas com Necessidades Especiais**. Barueri, SP: Manole, 2005.

ROSADAS, Sidney de Carvalho. **Educação Física e prática pedagógica: portadores de deficiência mental**. Vitória: UFES, 1994.

SOLER, Reinaldo. **Brincando e aprendendo na Educação Física especial: planos de aula**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2006.

VELLOSO, Renata de Lima. **Na intervenção fonoaudiológica é preciso avaliar e tratar o quanto antes**. 2002.

SILVA, Leticia Soares da; COSTA, Tatiana Soares. **AUTISMO NA ESCOLA**. Disponível em:
<http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2010/artigos/pedagogia/salao/642.pdf>
(Acesso em 20/07/2014)

FORFAR, J.; ARNEIL, G. **Síndromes de la Psiquiatria Infantil: Autismo infantil**. Salvat Editions. S.A. London and New York, 1986.

VARANDA, P. **Autismo infantil. Monografia de Psiquiatria**. Faculdade de Medicina do Porto, 1998.

SUMMERFIEL, L. **Physical education, recreation and related programs for autistic and emotionally disturbed children**. Washington: AAHPER, pp.3-44, 1976.

LAPIERRE, ANDRÉ. **Psicomotricidade Relacional**. In: MAUDIRE, P. **Exilados da infância: relações criativas e livre expressão pelo jogo na escola**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

NEGRINE, AIRTON. **Aprendizagem e desenvolvimento infantil: Psicomotricidade, alternativas pedagógicas**. Porto Alegre, Prodil, 1995, v.3.

HOLLERBUSCH, R. L.; Dissertação de Mestrado - **O Desenvolvimento da Interação Social das Crianças com Alteração do Espectro do Autismo: Estudo exploratório da influência da Educação Física na promoção do relacionamento interpessoal**. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, com vista à obtenção do grau de Mestre em Ciência do Desporto - Actividade Física Adaptada, Outubro 2001.

MELLO, ANA MARIA S. ROS DE - **Autismo: guia prático - 7ª ed.**; Colaboração: Marialice de Castro Vatauvuk __6ª Ed. __São Paulo. AMA; Brasília: Corde, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica**. Secretaria de Educação Especial – MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. **Política Nacional na Perspectiva da Educação Inclusiva SEESP/MEC** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2008.

MELLO, Ana Maria S. Ros de; Andrade, Maria América; Chen Ho, Helena; Souza Dias, Inês de; - **Retratos do Autismo no Brasil**, 1ª Ed. 2013 - Secretaria de Direitos

Humanos; Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência;

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA; **Temas em Educação Física Adaptada** - Temas apresentados no IV Congresso Brasileiro de Atividade Motora Adaptada, Curitiba 30 de outubro a 03 de novembro de 2001. [S.L.]: SOBAMA, 2001. 101 p.

EDUCAÇÃO INFANTIL: **Saberes e práticas da inclusão - Dificuldades de comunicação e sinalização: deficiência física.** [4. ed.] / elaboração prof^a. Ana Maria de Godói – Associação de Assistência à Criança Deficiente – AACD... [et al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 98 p.: il.

TOMÉ, MAYCOM CLEBER. Educação Física Como Auxiliar no Desenvolvimento Cognitivo e Corporal de Autistas. **Movimento e Percepção.** Espirito Santo do Pinhal, SP, v. 8, n. 11, jul/dez 2007 – ISSN 1679-8678.

FALKENBACH, ATOS PRINZ; DIESEL, DANIELA; DE OLIVEIRA, LIDIANE CAVALHEIRO. O Jogo da Criança Autista nas Sessões de Psicomotricidade Relacional. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte.** Campinas, v. 31, n. 2, p. 203-214, janeiro 2010.

MARQUEZE, LARISSA; RAVAZZI, LÍLIAN. Inclusão de Autistas nas Aulas de Educação Física. **VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial.** Londrina de 08 a 10 novembro de 2011 - ISSN 2175-960X – Pg. 1945-1956.

GOUVEIA, G. **Dayson, o filho do dia que vivia na noite.** Gráfica e Editora Berzon. Paraná, 2005.

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA. **Cartilha do Autismo** – Comissão de saúde e meio ambiente. Informações básicas sobre o autismo – Orientações e dicas para um relacionamento melhor.

10 APÊNDICES

APÊNDICE A – Plano de Atividades 01

1º PLANO DE ATIVIDADES PARA INTERVENÇÃO COM AUTISTAS

Local:	Salão de atos da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer - Uruguaiana
Data:	17 de Novembro de 2014
Número de Participantes:	10 (pais, alunos e professores)

1º Momento: Apresentação, exemplificação e objetivos das atividades para alunos e para os pais. Com os pais e os alunos formando duplas e dispostos em semicírculo, efetuam alongamentos com caráter ginástico, com objetivo de relaxamento e amplitude de movimento. Nesta atividade conforme o professor vai orientando os pais vão auxiliando os alunos, se o mesmo apresentar independência no movimento o pai pode realizar o alongamento.

2º Momento: Dispostos em fila explorar os espaços da sala, os pais conduzem os filhos sobre os diferentes obstáculos da sala de atividades, como subir e descer do palco, pular de um obstáculo que proporcione segurança ao aluno, passar sobre uma corda que será movimentada pelos professores pulando sobre a mesma ou pisando nela, se equilibrar passando por cima de uma linha em ziguezague, os pais seguirão os alunos conduzindo-os sempre que precisar e por fim estimulamos os alunos a explorar a bola Bobath.

3º Momento: Atividade em semicírculo com auxílio de canções que podem ser

cantadas sem ou com auxílio de mídias. Canções que estimulem o movimento global como pega-pega. Outra que estimule a percepção corporal através das partes do corpo, cabeça, tronco e membros. E uma última que estimule o conhecimento sobre os animais imitando os movimentos dos mesmos.

4º Momento: Breve alongamento com conversa e reflexões sobre as atividades do presente e do próximo encontro.

Referencial:

A seleção de atividades deve ser adequada a idade cronológica, resultados das avaliações e compatível com a cultura social, o método de circuito com obstáculos como subida e descida, transposição de objetos (pneus e arcos), mudanças de direção, equilíbrio dinâmico e estático, saltos, lançamentos, jogos de bolas (chute ao gol, arremessos na cesta, arremessos ao gol, rolar, agarrar, esquivar, quicar), com começo, meio e fim indicados, auxiliam na aquisição de habilidades motoras (LABANCA, 2000).

APÊNDICE B – Plano de Atividades 02

2º PLANO DE ATIVIDADES PARA INTERVENÇÃO EM GRUPO COM AUTISTAS

Local:	Salão de atos da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer - Uruguaiana
Data:	19 de Novembro de 2014
Número de Participantes:	11 (pais, alunos e professores)

1º Momento: Semelhante ao 1º dia, exemplificação e objetivos das atividades para alunos e para os pais. Com os pais e os alunos formando duplas e sentados (para evitar dispersão de alguns alunos) efetuam alongamentos com caráter ginástico, com objetivo de relaxamento e amplitude de movimento. Nesta atividade conforme o professor vai orientando os pais vão auxiliando os alunos, se o mesmo apresentar independência no movimento o pai pode realizar o alongamento.

2º Momento: Dispostos em fila explorar os espaços da sala, os pais conduzem os filhos sobre os diferentes obstáculos da sala de atividades, como subir no palco e indicar ao aluno as bolas coloridas que lá em cima estão, deixa-los livres para chutar, conduzir ou pegar as bolas disponíveis. Equilibrar-se por marcas escuras feitas no chão e depois passar sobre uma corda que será movimentada pelos professores pulando sobre a mesma ou pisando nela, tentar não pisar nas partes escuras demarcadas no chão desviando e ocupando o espaço delimitado para pisar, e por fim explorar a bola Bobath. Os pais seguirão os alunos conduzindo-os sempre que precisar.

3º Momento: Atividade em semicírculo com auxílio de canções cantadas com acompanhamento do violão. Canções que estimulem o conhecimento e percepção

corporal através das partes do corpo, cabeça, tronco e membros e outras de gosto dos alunos que serão indicadas pelos pais, para também evitar a dispersão do grupo como aconteceu na primeira aula.

4º Momento: conversa e reflexões sobre as atividades do presente encontro.

Referencial:

A seleção de atividades deve ser adequada a idade cronológica, resultados das avaliações e compatível com a cultura social, o método de circuito com obstáculos como subida e descida, transposição de objetos (pneus e arcos), mudanças de direção, equilíbrio dinâmico e estático, saltos, lançamentos, jogos de bolas (chute ao gol, arremessos na cesta, arremessos ao gol, rolar, agarrar, esquivar, quicar), com começo, meio e fim indicados, auxiliam na aquisição de habilidades motoras (LABANCA, 2000).

APÊNDICE C – Cadastro Acadêmico

Cadastro do Acadêmico
Dados pessoais:
Nome: WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES
Endereço: RUA MIN. JOAQUIM MURTINHO, N° 1712 - FUNDOS.
Telefone celular: 9988-3220
E-mail: waltergonsalves83@gmail.com ou walter.dorneles@bol.com.br
Licenciatura em Educação Física: 8º semestre
Dados do Estágio:
Nome da Instituição: ESCOLA ESTADUAL DE ENS. FUND. IRIS VALLS
Endereço: RUA VENÂNCIO AIRES – N° 1520. Bairro: SANTO ANTONIO
Telefone: 3411-1379
Nome do responsável pela Instituição: PATRÍCIA VEIGA
Nome do professor orientador no local: MARIA APARECIDA DORNELLES
Data de início do trabalho/relato: 03/10/2014 Data prevista para término: 30/11/2014
Carga horária semanal: 9 HORAS AULA

APÊNDICE D – Carta de Apresentação**CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Educação Física Unipampa

Prezada Diretor(a),

A disciplina de *TCC* do curso de Licenciatura em Educação Física da UNIPAMPA-Campus Uruguaiana, tem como princípio a formação de futuros professores a partir da articulação dos processos constituintes da docência via aproximação dos graduandos com várias possibilidades da Educação Física, e dentre elas está à realidade escolar. Nessa direção, busca articular universidade e instituições educacionais a fim de assegurar uma formação integral aos graduandos de Licenciatura em Educação Física pela promoção de atividades. Para tanto, orienta debates e ações no campo da Educação Física em ambientes educacionais com vistas à elaboração e reelaboração dos conhecimentos significativos para o desenvolvimento da Educação Física, bem como da Educação de maneira mais geral. A disciplina firma, portanto, compromissos institucional, ético e profissional com a instituição educacional com a qual estabelece vínculos, responsabilizando-se pela produção de conhecimentos significativos para a mesma através de atividades de pesquisa, ensino e extensão – via acadêmicos. Assim, a disciplina assume um duplo papel, seja de contribuir para a formação dos alunos em Educação Física pela aproximação desses com o contexto escolar, e ainda de contribuir com a instituição escolar envolvida pela produção de conhecimentos que podem ser significativos para a mesma. Sendo assim, por meio deste documento, a disciplina de *TCC de Licenciatura em Educação Física*, da UNIPAMPA/Campus Uruguaiana, representada aqui pelo Prof. Dr. Álvaro Luís Ávila da Cunha, vem solicitar a Senhora Diretor(a) Patrícia Veiga a participação desta instituição como campo para o estudo/trabalho no 2º semestre de 2014. Aproveito para apresentar o acadêmico/a WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES, que atuará nesta instituição como interveniente.

Prof. Dr. Álvaro L. Ávila da Cunha
Orientador de TCC

APÊNDICE E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO		
1. IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISA		
Título do Projeto: Práticas Corporais para um Grupo de Alunos Autistas: Relato de uma Experiência de Intervenção.		
Curso: Licenciatura em Educação Física	Unidade: Unipampa - Uruguaiana	
Instituição onde será realizado: Inst. Est. de Ens. Fundamental Íris Valls		
Seu filho está sendo convidado(a) para participar do projeto de pesquisa acima identificado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre o trabalho que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir, a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo para você.		
2. IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO DA PESQUISA		
Nome:	Data Nascimento:	Telefone:
3. IDENTIFICAÇÃO DO ACADÊMICO/PESQUISADOR RESPONSÁVEL		
Nome: Walter Ricardo Dorneles Gonçalves		Telefone: (55) 9988-3220
Eu, responsável pelo sujeito da pesquisa, abaixo assinado(a), após receber informações e esclarecimento sobre o projeto de pesquisa, acima identificado, concordo de livre e espontânea vontade em participar e estou ciente:		
1. Da justificativa e dos objetivos para realização desta pesquisa:		
2. Do procedimento para coleta de informações:		
3. Da utilização, armazenamento e descarte das informações: o responsável pelo participante da pesquisa irá assinar o Termo de Consentimento Livre (TCLE). A assinatura do TCLE será realizada após a leitura do TCLE e antes da realização do trabalho. Os arquivos do trabalho como imagens e diário de campo ficarão com o pesquisador e a disposição dos supervisores e responsáveis pelos sujeitos.		
4. Dos desconfortos e dos riscos: Esta pesquisa não implicará em nenhum desconforto e/ou risco a saúde do participante.		
5. Da liberdade de recusar, desistir ou retirar meu consentimento: Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste trabalho no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. Não virá interferir na proposta de relato das intervenções do projeto de pesquisa.		
6. Da garantia de sigilo e de privacidade: Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, assim como imagens, nomes e relatos comportamentais.		
Declaro que obtive todas as informações necessárias e esclarecimento quanto às dúvidas por mim apresentadas e, por estar de acordo, assino o presente documento em duas vias de igual conteúdo e forma, ficando uma em minha posse.		
_____ Acadêmico Responsável pelo Trabalho		_____ Responsável pelo Sujeito do Trabalho

APÊNDICE F – Termo de Compromisso

TERMO DE COMPROMISSO DE INTERVENÇÃO PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NA ÁREA DAS LICENCIATURAS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

Escola/colégio: INSTITUTO ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL IRIS VALLS; Endereço: RUA VENÂNCIO AIRES – Nº 1520. Bairro: SANTO ANTONIO - Telefone: (55) 3411-1379; CNPJ: 88.240.734/0001-99, Representado: PATRICIA VEGA, Cargo: DIRETORA, doravante denominada CONCEDENTE e de outro, Acadêmico: WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES, Identidade 3092110737 emitida por SJS/RS, CPF 004170990-02, data de nascimento 20/10/1983. Filiação DILZA ITAMAR DE MENEZES DORNELES e JOÃO PAULO GONÇALVES (falecido), Residente na RUA MIN. JOAQUIM MURTINHO, Nº 1712. CEP: 97502-210 - Bairro SANTANA. Telefone 9988-3220, Cidade URUGUAIANA/RS, aluno regularmente matriculado no Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa - Uruguaiana do Estado do Rio Grande do Sul, matrícula 111150805, inscrito na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, do curso de Licenciatura em Educação Física, doravante denominado ACADÊMICO, acordam e estabelecem entre si as cláusulas e condições que regerão este termo de compromisso de INTERVENÇÃO, que segue assinado pelo seu ORIENTADOR de TCC Prof. Dr. Álvaro Luis Ávila da Cunha.

1º. O Estabelecimento de Ensino, doravante denominada CONCEDENTE, nesse ato representado pelo Diretor, e o ACADÊMICO acima identificado firmam o presente Termo de acordo com o que estabelece as seguintes cláusulas:

2º. O ACADÊMICO se compromete a:

- a. desenvolver a programação / plano de atividades estabelecidas;
- b. observar as normas da Instituição / Escola concedente;
- c. zelar pelos recursos materiais que lhe forem confiados e ressarcir eventuais prejuízos;

3º. Ao SUPERVISOR (PROFESSOR TITULAR) compete orientar e avaliar o desempenho final do ACADÊMICO, assim como a avaliação global do programa de intervenção de comum acordo com a CONCEDENTE.

4º. O ACADÊMICO não terá, em nenhuma hipótese, vínculo empregatício com a CONCEDENTE.

5º. O desenvolvimento do programa de trabalho não deverá interferir nas obrigações acadêmicas do ACADÊMICO.

6º. Este TERMO DE COMPROMISSO poderá ser cancelado a pedido do ACADÊMICO, do COORDENADOR e da CONCEDENTE, ou automaticamente, por qualquer dos seguintes motivos:

- a. descumprimento de suas cláusulas;
- b. falta excessiva do licenciando a intervenção;
- c. se o convênio com a UNIPAMPA for encerrado por qualquer motivo;
- d. conclusão, abandono, trancamento de matrícula ou afastamento do curso;
- e. Descumprimento da carga horária de intervenção proposta;

7º. Durante a realização da intervenção, o licenciando estará protegido por um seguro contra acidentes pessoais.

8º. A realização das intervenções tem como datas previstas: início 03/10/2014 e término 30/11/2014 com total de 05 horas semanais.

E por estarem ajustados e concordes assinam este TERMO DE COMPROMISSO o ACADÊMICO, a CONCEDENTE do estágio e a UNIPAMPA, em 3 (três) vias de igual teor.

URUGUAIANA, 03 de Outubro de 2014.

UNIPAMPA, *ASLL*

CONCEDENTE, *Pidinoto*

ACADÊMICO, *Walter D. Gonçales*

APÊNDICE G – Controle de Intervenções

Controle de Observações/Intervenções

Estagiário: WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES

Professor Supervisor: MARIA APARECIDA D. DE DORNELES

Aula	Data	Atividade	Assinatura do Acadêmico Interveniante	Assinatura do Professor Supervisor
1	29/08/2014	Observação/associação	Walter D. Gonçalves	MA.
2	07/09/2014	Observação/solenidade	Walter D. Gonçalves	MA.
3	06/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
4	07/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
5	08/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
6	13/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
7	14/10/2014	Observação – espaço externo	Walter D. Gonçalves	MA.
8	15/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
9	20/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
10	21/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
11	22/10/2014	Observação/SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
12	27/10/2014	Observação – espaço externo	Walter D. Gonçalves	MA.
13	28/10/2014	Observação – espaço externo	Walter D. Gonçalves	MA.
14	29/10/2014	Observação interventiva SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.
15	03/11/2014	Observação interventiva SAEE	Walter D. Gonçalves	MA.

Uruguiana, 03 de novembro de 2014.

Controle de Observações/Intervenções

Estagiário: WALTER RICARDO DORNELES GONÇALVES

Professor Supervisor: MARIA APARECIDA D. DE DORNELES

Aula	Data	Atividade	Assinatura do Acadêmico Interviente	Assinatura do Professor Supervisor
16	04/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD
17	05/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD
18	10/11/2014	Observação interventiva espaço externo	Walter D. Gonçalves	MD
19	11/11/2014	Observação interventiva espaço externo	Walter D. Gonçalves	MD
20	12/11/2014	Observação interventiva espaço externo	Walter D. Gonçalves	MD
21	17/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD
22	18/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD
23	19/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD
24	17/11/2014	Intervenção Grupo	Walter D. Gonçalves	MD
25	19/11/2014	Intervenção Grupo	Walter D. Gonçalves	MD
26	24/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD
27	25/11/2014	Observação interventiva SAE	Walter D. Gonçalves	MD

Uruguiana, 30 de novembro de 2014.

APÊNDICE H – Titulação dos autores para posterior publicação, conforme normas descritas no ANEXO B deste trabalho.

Práticas Corporais para um Grupo de Alunos Autistas: Relato de uma Experiência de Intervenção

Walter Ricardo Dorneles Gonçalves

Licenciando do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Álvaro Luís Ávila da Cunha

Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal de Pelotas. Mestrado em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Doutorado em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande. Professor adjunto da Universidade Federal do Pampa Licenciatura em Educação Física-UNIPAMPA.

Susane Graup do Rego

Possui graduação em Educação Física - Licenciatura Plena (2004) e especialização em Atividade Física, Desempenho motor e saúde (2006), pela Universidade Federal de Santa Maria. Concluiu o mestrado em Educação Física (2008) na área de Cineantropometria e Desempenho Humano e o Doutorado em Engenharia de Produção (2012) na área de Ergonomia na Universidade Federal de Santa Catarina. Atualmente é professora do Curso de Educação Física da Universidade Federal do Pampa.

11 ANEXOS

ANEXO A – Entrevista com Pais (SAEE)

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL IRIS VALLS
Rua Venâncio Aires,1520- Bairro Santo Antonio- Uruguaiiana, RS.

ENTREVISTA COM PAIS OU RESPONSÁVEIS

Dados de Identificação

Nome do(a) aluno(a): _____
 Data de Nascimento: ____/____/____ Idade: _____ Anos./ Série: _____ Turma: _____
 Profª: _____
 Endereço: _____
 Bairro: _____ Ponto de Referência: _____
 Nome da Mãe: _____ Idade: _____
 Profissão: _____ Fone: _____ Escolaridade: _____
 Nome do Pai: _____ Idade: _____
 Profissão: _____ Fone: _____ Escolaridade: _____
 Responsável pelo acompanhamento escolar: _____ Fone: _____
 Obs: _____

Dados Familiares

Quantos irmãos/idade/escolaridade

_____	Idade: _____	Escolaridade: _____
_____	Idade: _____	Escolaridade: _____
_____	Idade: _____	Escolaridade: _____
_____	Idade: _____	Escolaridade: _____
_____	Idade: _____	Escolaridade: _____
_____	Idade: _____	Escolaridade: _____

Os pais vivem juntos ou separados? _____
 Com quem mora? _____
 Como é a relação dos pais? _____
 Convive mais com quem? _____
 Tem apelido? _____ Gosta: () Sim. () Não. Por quê? _____
 Qual a pessoa que mais respeita? _____ e _____
 Qual a pessoa que mais demonstra ter carinho? _____

Gestação e Condições de Nascimento

A gravidez foi planejada? _____ Qual a idade da mãe na gravidez? _____
 Como foi a gravidez? _____ Cesaria ou parto normal? _____
 Foi feito acompanhamento pré-natal? _____
 Ocorreu alguma doença, sinal de aborto ou acidente durante a gestação? _____
 Nasceu de quantos meses? _____ Qual o peso/cm ? _____
 Como foi o desenvolvimento do bebê durante os primeiros 12 meses? _____
 Na época da gravidez o pai ou a mãe possuíam algum vício? _____

Características específicas do aluno: Especificidades:

Reconhece seus pais e outros? _____
 Abraça as pessoas? _____
 Beija as pessoas? _____
 Tem medo de estranhos? _____
 Brinca com outras crianças? _____
 Qual o seu brinquedo preferido? _____
 Como, quando e com o que se diverte? _____

Imita bater palmas, dar tchau abanar, etc? _____
 Imita movimentos corporais? _____
 Tem medo de certos ruídos? _____
 Atende a chamados ? Ouve ordens? _____
 Responde a sons normalmente? _____
 Têm preferências por certos sons, músicas, motores? _____
 Fixa o olhar em luzes, sombras ou objetos luminosos? () Sim () Não
 Gosta de se olhar no espelho? _____
 Como se comporta diante de mudança de rotina? _____
 Mantém-se em atividade repetitiva durante muito tempo? Quais? _____

A criança é fujona? _____
 Qual o tipo de arte perigosa que faz? _____
 Como sinaliza que deseja ir ao banheiro? _____

Desenvolvimento

Possui reações alérgicas ou alguma doença? _____
 Apresenta problemas: () Audição () Fala () Visão () Motor _____
 Tem ou teve convulsões? _____ Faz uso de medicamento? _____
 Está fazendo algum tratamento: () Psicológico () Neurológico () Fonoaudiólogo _____
 Qual? _____ Médico: _____ Desde quando? _____
 Já procurou outros especialistas? _____ Qual? _____
 Possui diagnóstico? _____ Qual médico? _____
 Já esteve internado? _____ Qual motivo? _____
 Existem recomendações ou precauções na área da saúde? _____

Alimentação e Sono

Como é sua alimentação? _____ O que gosta de comer? _____
 Existem recomendações ou precauções quanto a alimentação? _____
 Como é seu sono? _____

Desenvolvimento Psicomotor

É lento(a) para realizar alguma tarefa? _____ Qual: _____
 Veste-se sozinho(a)? _____ Desde que idade: _____
 Toma banho sozinho(a)? _____ Desde que idade _____
 Calça-se sapatos? _____ Sabe dar nó? _____
 Anda de bicicleta? Pratica algum esporte? _____
 Rói unhas, chupa os dedos ou tem alguma outra mania? _____

Sexualidade:

Escolaridade

Gosta de vir a Escola? _____
 Histórico escolar: _____
 Já repetiu de série alguma vez? _____
 Fala sobre a escola? _____
 Gosta de fazer as tarefas da escola? _____ Que horas? _____
 Quem o acompanha? _____ Tem horário de estudo? _____
 Faz alguma atividade extra? _____ Qual /horário? _____

Tem planos _____

Características pessoais e afetivas emocionais

Dentre as características abaixo quais ela se enquadra mais?

() Agressiva () Passiva () Medrosa () Retraída () Desligada () Agitada

Como reage quando é contrariado (a)? _____

Quais as atividades preferidas? _____

O que gosta de fazer em casa? _____

Gosta de brincar? _____ Com quem? _____

Tem animal de estimação? _____ Qual? _____

Que tipo de música mais gosta? _____

Gosta de dançar? _____

O que gosta de assistir na TV? _____

Tem um(a) melhor amigo(a)? _____

Condições de moradia : () Alugada () Própria () De parente _____

Quantos cômodos ? _____ () Água () Luz _____

Qual o credo religioso da família _____

O aluno ou a família recebe algum benefício do ? _____

Como é a rotina do aluno? _____

Obs: _____

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, _____, comprometo-me e responsabilizo-me em trazer o (a) aluno(a) _____, a sala de recursos no turno inverso ao da aula, no horário designado, estando ciente da importância deste atendimento para seu melhor desempenho escolar.

Maria Aparecida D, de Dorneles
Professora do AEE

Assinatura dos Pais/ responsável

Data da entrevista: ___/___/___

ANEXO B – Informações Sobre e Normas para Publicação na Revista Digital Efdeportes.com

Consejo editorial:

- Director y editor responsable: Lic. Tulio A. Guterman
- Sub-Directores: Lic. Roberto Di Giano y Dr. Antonio Hernández Mendo
- Asistente de dirección: Lic. Raquel Geiler
- Coeditor: Prof. Lic. Cristian Federico Pieslinger

El contenido de Lecturas: EF y Deportes, revista digital se encuentra indizado en Dialnet (Universidad de La Rioja, España).

Clasificada como B3, B4, B5 y C (consultar Área de Avaliação) por CAPES (Centro de Perfeccionamento de Investigacion en Enseñanza Superior) Brasil.

Los artículos que no son originales, se publican con expresa autorización de cada autor o de la publicación de origen, la cual es nombrada al pie o en el encabezado de página.

La dirección de la Revista puede no compartir las opiniones vertidas por los autores, por lo que no se responsabiliza por estos dichos.

Disponemos espacios para publicitar eventos, productos y servicios. Consulte a efdeportes@hotmail.es.

Política de privacidad:

Google utiliza empresas publicitarias asociadas para publicar anuncios cuando visita nuestro sitio web. Es posible que estas empresas usen la información que obtienen de sus visitas a este y otros sitios web (sin incluir su nombre, dirección, dirección de correo electrónico o número de teléfono) para ofrecerle anuncios sobre productos y servicios que le resulten de interés.

NOTAS

Las notas deben desarrollar el tema en profundidad con un estilo claro y de fácil lectura. El contenido debe ser en lo posible ORIGINAL e INEDITO. En caso de no ser así, aclarar dónde fue publicado y si fuera necesario, la autorización de la dirección de la publicación original. Si fue una ponencia en algún evento, indicar lugar, institución y fecha del mismo. Los artículos son enviados bajo seudónimo a profesionales especialistas que participan o no de la Revista, para su supervisión académica.

El texto del artículo debe estar producido en formato digital (convenientemente .doc o .rtf). Debe ser enviado a nuestra dirección de correo electrónico attachado a un mensaje. Debe estar corregido, sin faltas ortográficas o de estilo. Deben evitarse las notas al pie. En caso de no ser posible, deben figurar al final del texto. El texto debe ser enviado con el formato de texto lo más neutro como sea posible (sin sangría, letra Arial o Times New Roman, por ejemplo).

Puede estar escrito en cualquier idioma, preferentemente español, portugués, inglés, francés o italiano. Y del tamaño que el autor considere conveniente. El texto debe acompañarse con: datos del autor y/o autores, currículum resumido, bibliografía si correspondiera, palabras clave y resumen del artículo. Debe figurar además un número de teléfono, dirección y correo electrónico para contacto directo. Conviene aclarar si dispone de una página personal en la WWW.

Puede estar acompañado por: fotografía del autor o de los autores e ilustraciones, fotos, gráficos, croquis, en papel o idealmente en formato digital (.jpg o .gif) en color o blanco y negro; también sonido en formato mp3, animación computada en formato .WMV, .AVI u otro formato compatible con HTML.

También se aceptan colaboraciones en los formatos anteriores que tengan vinculación con el contenido de la Revista (Ej. ilustraciones). Los originales enviados en papel para su digitalización no se devuelven.

No se publican: textos con contenido que promueva algún tipo de discriminación social, racial, sexual o religiosa; ni artículos que ya hayan sido publicados en otros sitios en la World Wide Web. Se debe enviar la aprobación por parte del Comité de Ética en Investigación, si corresponde.

Una vez que se acepta el texto para publicar y luego de publicado, no se autoriza su reedición o copia en otro sitio web, o en otro formato digital o en papel.

Completa la Carta de encaminamiento y envíala adjunta junto con el artículo a efdeportes@gmail.com. Recibirás un aviso de recepción.

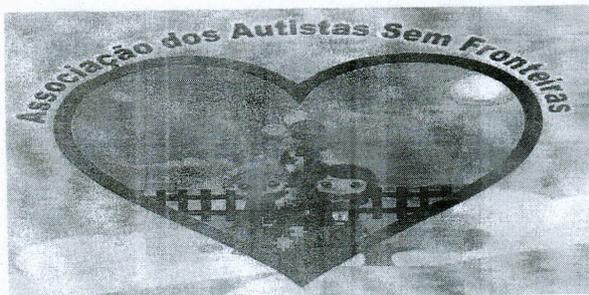
Agradecemos a todos los que referencian nuestra producción.

Propietario: Tulio A. Guterman

Domicilio legal: Gurruchaga 448 - Ciudad de Buenos Aires, Argentina - CP 1414

ISSN 1514-3465 Registro de la Propiedad Intelectual N° 901172

© 1997, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014.

ANEXO C - Ofício para Secretaria Municipal de Esportes e Lazer**OFÍCIO DE SOLICITAÇÃO**

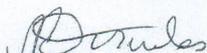
Uruguaiana/RS, 12 de Novembro de 2014.

Ilmo. Sr,
Vicente Majó da Maia
Secretário Municipal de Esporte e Lazer

A Associação de Autistas Sem Fronteiras, entidade sem fins lucrativos, legalmente constituída e registrada vem respeitosamente solicitar a V.S.a, dentro do possível, espaço existente nesta secretaria para a realização de atividade prática corporal para um grupo de alunos autistas, que estarão acompanhados de seus responsáveis. Tal intervenção se realizará nos dias 17/11/2014 (segunda-feira) e 19/11/2014 (quarta-feira) nos horários das 14:00 hs as 16:00 hs e faz parte do trabalho em parceria com a Unipampa que será ministrado pelo acadêmico Walter Ricardo Dorneles Gonçalves, do curso de Licenciatura em Educação Física da referida universidade. Esta solicitação se faz necessária, pois o espaço disponível para a associação ainda não está adequado para esta ação e necessita de reparos para a segurança dos alunos.

Certos de sua atenção, colho o ensejo para reiterar protestos de elevada estima e consideração.

Atenciosamente,


**Associação dos Autistas
Sem Fronteiras
Maria Aparecida Dorneles
Presidente**

MARIA APARECIDA D. DE DORNELES
Presidente da Associação de Autistas Sem Fronteiras

12/11/14

ANEXO D - Plano de Objetivos para Intervenções Específicas - SAEE

PLANO DE OBJETIVOS PARA INTERVENÇÕES ESPECÍFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Zona de Desenvolvimento Potencial de Vygotsky • Premissas de Skinner e Piaget
<p>I - Objetivos Gerais: Estimular a interação social e desenvolver a comunicação gestual e verbal através de conhecimentos não experimentados pela criança, com grau de dificuldade acima do que mostra fazer.</p>
<p>II - Objetivos Específicos:</p>
1. Manter contato visual;
2. Identificar e distinguir sons;
3. Reduzir a resistência às mudanças;
4. Expressar, de alguma forma, desejos e contrariedades;
5. Desenvolver maior organização espacial;
6. Expressar sentimentos, iniciando com os mais simples: quero e não quero;
7. Seguir uma agenda, preestabelecida, suprimindo suas necessidades básicas;
8. Desenvolver certa noção de tempo;
9. Adequar a manipulação de objetos a sua função correta;
10. Identificar palavras e objetos;
11. Cumprimento de ordens simples;
12. Identificação e representação de partes do corpo;
13. Representação através do desempenho;
14. Emissão de sons e palavras com sentido;
15. Identificação e uso da 1ª pessoa do singular;
16. Uso adequado dos objetos para brincar;
17. Compreensão e atendimento a limites;
18. Promover diálogo simples (aspecto pragmático);
19. Tomar iniciativa em suas ações;
20. Audição de histórias infantis e interpretação das mesmas através de gestos, desenhos ou palavras;
21. Realizar imitações verbais e não-verbais.